

CÍRCULOS BÍBLICOS



Diocese de Roraima

Julho - Agosto - 2026

Ano 3 - Nº 3



CEB's - Comunidades de
Discípulos(as) Missionários(as)

Apresentação

Querido Povo de Deus, PAZ E BEM!

Agradeço à equipe de elaboração dos Círculos Bíblicos o precioso trabalho que estão realizando em vista da formação e do fortalecimento das nossas comunidades na Diocese. Agradeço também a sua prontidão em acolher as boas sugestões dos participantes dos grupos. Indicou-se introduzir uma gravura em cada encontro para facilitar a compreensão do tema e de imediato se fez.

Neste caderninho preparado para os meses de julho e agosto, a equipe nos brindou com dois temas importantes: as CEBs e as Vocações.

Os círculos bíblicos sobre as CEBs são uma preparação para o Encontro Diocesano de CEBs, que acontecerá no dia 1º de agosto, na Prelazia. Cada encontro recupera valores essenciais de uma comunidade de discípulos missionários: que ela tenha a força inspiradora da Palavra de Deus, seja sinal do Reino e persevere no ensinamento dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e na oração. Na fundamentação dos encontros a equipe utilizou a recém-lançada “Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil”. Essas Diretrizes que apresentam os caminhos da Evangelização da Igreja no Brasil precisam ser conhecidas de todos. Recomendo que todos a leiam e que se façam estudos sobre elas nas Comunidades, Paróquias e Áreas Missionárias.

Os Círculos bíblicos do mês de agosto refletem e rezam o tema vocacional, tão importante na vida da Igreja. A vocação que nasce no batismo necessita ser cultivada pessoal e comunitariamente. Das vocações bem acompanhadas em comunidade surgem os padres, surgem famílias bem integradas, surgem rapazes e moças que se consagram na vida religiosa e surgem os vários serviços e ministérios leigos, com especial destaque para as(os) catequistas.

Os Círculos Bíblicos têm estimulado muitas pessoas a se engajarem com mais segurança nos serviços na Igreja. São forças adormecidas que com um pequeno estímulo começam a dar passos. Tenho percebido que nas paróquias e Áreas missionárias onde há uma coordenação dos círculos bíblicos, eles têm avançado. Animo que também nas outras paróquias e Áreas Missionária seja constituída uma coordenação que dinamize os Círculos Bíblicos. Deus abençoe e fortaleça a todos na missão.

+ Evaristo Pascoal Spengler, OFM



DIOCESE DE RORAIMA
Comunidades Eclesiais de Base – CEB's



Carta Convite das CEBs para o Encontro Diocesano

Queridos irmãos e irmãs, povo amado de Deus,

PAZ E BEM!

Com alegria e esperança, nos dirigimos a vocês para anunciar e convidar: está chegando o nosso **Encontro Diocesano das CEBs!**

Será um momento de **partilha, oração, formação e celebração**, onde juntos vamos animar na caminhada e nos fortalecer na fé, missão evangelizadora e no compromisso com a vida e a justiça do Reino.

Data: 01 de agosto de 202c

Local: Prelazia – Boa Vista-RR

Horário: das 08:00h às 17:00h

Tema: “*CEBs – Comunidades de Discípulos Missionários.*”

Será também a oportunidade de expressar nossa sintonia e comunhão com a caminhada das CEBs em todo o Brasil, pois teremos a presença do ÍCONE do 16º encontro Intereclesial de CEBs, que está peregrinando pelas Comunidades de Nosso Regional Norte 1, da CNBB (AM e RR). O encontro intereclesial acontecerá em julho de 2027 em Cachoeiro de Itapemirim - ES.

Previsão de vagas: 120 vagas

Colaboração: R\$ 20,00 reais, por pessoa.

As vagas serão distribuídas conforme o número de comunidades de cada Paróquia, Área Missionária ou Missão indígena. As fichas de inscrição serão encaminhadas para Equipe missionária e/ou secretaria de cada Paróquia, Área Missionária e Missão Indígena. As inscrições serão feitas por delegação e não individualmente. É bom que entre os indicados para o encontro estejam animadores de Círculos Bíblicos, lideranças das comunidades, missionários(as), sem esquecer os jovens que fazem parte da caminhada das comunidades.

O texto de estudo em preparação ao encontro são os **Círculos Bíblicos** do mês de julho/agosto que tem como título **CEBs -Comunidades de Discípulos missionários**. É condição fazer este estudo em seu grupo de Círculos Bíblicos, para participar do encontro.

Solicitamos a todos que tragam o texto (livro), das novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (Documento Nº 114 da CNBB)

Assim como os primeiros cristãos, queremos nos reunir como **Igreja viva, presente na história e comprometida com o Reino de Deus**. Venha com seu coração aberto, sua alegria e sua disposição para caminhar juntos.

Que o Espírito Santo nos inspire e Maria, Mãe da Igreja, nos acompanhe nesta preparação.

"Vinde todos, pois grande é a nossa alegria em celebrar a vida e a missão!"

Fraternalmente,

Coordenação Diocesana de animação das CEBs de Roraima

Boa Vista, 13 de junho de 2026

Dom Evaristo Pascoal Spengler, OFM

Bispo de Roraima

Francisca Antonia Costa Alves

Oração do 16º Intereclesial de CEBs

Ó Espírito Santo, nas terras que leva o teu nome, nos reunimos para agradecer e para celebrar a vida de nossas milhares de Comunidades Eclesiais de Base, espalhadas pelo Brasil e pelo mundo afora.

Ó Espírito Santo, por mandato do Pai, geraste no seio da mãe Maria o Salvador da humanidade, Jesus Cristo. Com ele queremos construir o Reino de Deus aqui para alcançarmos o que há de vir.

Ó Espírito Santo, sopra sobre nós para cuidarmos de nossa Casa Comum, para sermos uma Igreja Sinodal, mais comprometida com a causa dos pobres, daqueles que vivem nas periferias geográficas e existenciais. Anima nossa esperança e a nossa atitude num diálogo fecundo entre as religiões e entre os povos, para sermos um só povo, o povo de Deus.

Ó Espírito Santo, abençoa o 16º Intereclesial das CEBs para que antes, durante e depois dele tratemos desse desafio tão importante: “CEBs: Caminhando com as juventudes, na alegria do evangelho, a serviço do Reino”. Amém, Axé, Awerê, Aleluia.

(Dom Luiz Fernando Lisboa, CP. 04 de novembro de 2025 – Cachoeiro de Itapemirim-ES)

HINO DO 16º INTERECLESIAL DE CEBs VEM E VÊ!

Vem e vê, décimo sexto chegou! No coração das CEBs nosso povo se juntou!

1. Nosso povo capixaba é um povo hospitaleiro, / bem indo, seja bem-vindo à Diocese de Cachoeiro;
2. Paraná e Mato Grosso foi nossa última parada, / agora o “rem” tá chegando nesta terra capixaba;
3. Nossa Senhora da Penha e do Amparo do seu povo, / guie nossas comunidades que buscam esse “jeito novo”!
4. Levanta, em juventude, pois chegou a sua luz, / na alegria do Evangelho, pelo Reino de Jesus

CEBs: Comunidades de discípulos missionários

01

Semana de 29 de junho a 05 de julho

14º. Domingo do Tempo Comum – Ano A

Preparação do ambiente: Colocar bíblia, cruz, vela, foto da comunidade, e círculo bíblico se tiver, ações evangelizadoras. Preparar um caderno e caneta para anotações.



Acolhida

Animador(a): É com grande alegria que nos reunimos para mais um encontro de círculo bíblico e partilhar nossas vivências em nossas comunidades nesta caminhada de fé.

Canto: *De todos os cantos venhamos para louvar o senhor.*

Todos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Oração inicial: Oração do 16º Intereclesial de CEBs (página 04)

1. Palavra da Igreja

Animador(a): No encontro de hoje vamos nos familiarizar com a comunidade e para iniciarmos vamos ouvir o que diz alguns pontos das novas Diretrizes Gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, o Documento 114 da CNBB, aprovado por unanimidade na 62ª assembleia geral de conferência nacional dos bispos do Brasil.

Comunidades de discípulos missionários

Leitor(a) 1: (N. 116) A iniciação à fé, que nasce do anúncio da Palavra, gera a comunidade e a faz crescer, seguindo a mesma dinâmica que formou o grupo dos discípulos apóstolos: reunir pessoas em torno da Palavra e da Eucaristia, fortalecê-las na fraternidade e enviá-las como testemunhas do Evangelho no cotidiano. Diante de uma sociedade urbana e fragmentada, a Igreja é chamada a redescobrir seu núcleo essencial — catequese, liturgia e caridade. Para isso, a comunidade é fundamental, é indispensável e insubstituível. Essa perspectiva ilumina a missão atual de formar pequenas comunidades de discípulos missionários, capazes de renovar continuamente a vida da Igreja.

Leitor(a) 2: (N. 117) Nas pequenas comunidades de discípulos missionários, a hospitalidade torna-se marca essencial: são Igrejas de portas abertas, tendas sempre prontas a acolher quem busca um encontro com Cristo e deseja caminhar no discipulado missionário. Nelas, a comunhão se concretiza na escuta da Sagrada Escritura, nas relações

fraternas, na pertença a um núcleo comunitário, na partilha das responsabilidades e no respeito às diversas vocações e ministérios. Ali se constroem processos de discernimento, cresce a disponibilidade para o serviço e floresce a criatividade evangelizadora, alimentando uma permanente disposição para a saída missionária. Libertadas do fechamento autorreferencial e de concessões ideológicas, as comunidades eclesiais permanecem sempre prontas a sair de si, ir às periferias e encontrar os muitos rostos que precisam ser alcançados e iluminados pelo Evangelho.

Leitor(a) 3: (N. 122) Indicações Pastorais para fortalecer as comunidades de discípulos missionários:

- a) Organizar a paróquia como rede de pequenas comunidades descentralizadas, interligadas pela missão;
- b) Formar lideranças para iniciar e sustentar pequenas comunidades, com atenção especial ao contexto urbano;
- c) Priorizar a presença missionária nos lugares onde a Igreja é mais frágil, com visitas e ações continuadas;
- d) Oferecer formação bíblica, catequética e missionária para quem anima;
- e) Integrar comunidades, paróquias e diocese pela prática sinodal dos conselhos, garantindo comunhão e corresponsabilidade;
- f) Intensificar a experiência de comunidades ambientais, integradas em nível supraparóquial e diocesano, transterritoriais e formadas por afinidades, tais como: comunidade eclesial universitária, cultural, do povo de rua, etc.

2. Proclamação da Palavra de Deus

Animador(a): O evangelho nos convida a reconhecer um Deus que se faz presente em suas maravilhas e sermos humildes diante dele, nas nossas vidas e nos nossos serviços comunitários.

Canto de Aclamação:

Leitor(a): Mt 11,25-30

3. Partilha da Palavra de Deus

Obs.: As repostas das duas primeiras perguntas, é bom anotar, para poder apresentar ao Conselho da Comunidade, e quem for participar do Encontro Diocesano de CEBs, poder levar por escrito).

- 1- A CNBB afirma: “Nas pequenas comunidades a comunhão se concretiza na escuta da Sagrada Escritura, nas relações fraternas, na pertença a um grupo comunitário, na partilha das responsabilidades e no respeito às diversas vocações e ministérios”. Quais dessas características percebemos nossa comunidade? Em que precisamos nos empenhar mais?
- 2- As novas Diretrizes, propõem várias indicações pastorais. Quais dessas percebemos na nossa Área Missionária (paróquia ou missão indígena)? Quais são as mais fracas, que precisam de mais dedicação?
- 3- “Meu fardo é leve e meu peso é suave”. Jesus dizia isso em contraposição aos fariseus, que ensinavam a lei, que o povo considerava um peso. Seguir Jesus é um peso? O Evangelho é um peso? O Reino de Deus é um peso? O que temos de pesado em nossa vida?

4. Rezar com a Bíblia

Animador(a): Jesus nos inspira a ser discípulos humildes e comprometidos, por isso elevemos nossos pedidos:

Leitor(a) 1: Pelas nossas comunidades para que sejam portas abertas, acolhendo a todos e possamos vivenciar a fraternidade como discípulos de cristo: rezemos,

Leitor(a) 2: Para que o senhor nos ajude a viver com humildade e simplificando a nossa caminhada de fé; rezemos ao Senhor,

Leitor(a) 3: Para que iluminados pelo o espírito santo de deus, sejamos construtores de unidade e paz em nossas comunidades.

Leitor(a) 4: Por todas as pessoas envolvidas nas pastorais, movimentos e serviços vivam seus compromissos com alegria fortificados em cristo; rezemos,

(Preces espontâneas)

Pai Nosso

Avisos: Ler a carta convite da página 03

Canto, bênção final e despedida

Para aprofundar a Palavra de Deus

Mt 11,25-30: AMBIENTE

Após o “*envio missionário*” dos discípulos ao mundo para continuarem a obra libertadora de Jesus (Mt 9,36-11,1), Mateus coloca uma secção sobre as reacções e as atitudes que as várias pessoas e grupos tomam frente a Jesus e à sua proposta de “Reino” (cf. Mt 11,2-12,50). O nosso texto integra esta secção.

Nos versículos anteriores ao texto de hoje (cf. Mt 11,20-24), Jesus havia dirigido uma dura crítica aos habitantes de algumas cidades do lago de Tiberíades (Corozaim, Betsaida, Cafarnaum), porque foram testemunhas da sua proposta de salvação e mantiveram-se indiferentes. Estavam demasiado cheios de si próprios, instalados nas suas certezas, calcificados nos seus preconceitos e não aceitavam questionar-se, a fim de abrir o coração à novidade de Deus.

Agora, Jesus manifesta-Se convicto de que essa proposta rejeitada pelos habitantes das cidades do lago encontrará acolhimento entre os pobres e marginalizados, desiludidos com a religião “oficial” e que anseiam pela libertação que Deus tem para lhes oferecer.

O nosso texto consta de três “sentenças”. Dois desses “ditos” (cf. Mt 11,25-27) aparecem também em Lucas (cf. Lc 10,21-22). O terceiro (cf. Mt 11,28-30) é exclusivo de Mateus e deve provir de uma fonte própria.

MENSAGEM

A primeira sentença (cf. Mt 11,25-26) é uma oração de louvor que Jesus dirige ao Pai, porque Ele escondeu “estas coisas” aos “sábios e inteligentes” e as revelou aos “pequeninos”.

Os “sábios e inteligentes” são certamente esses “fariseus” e “doutores da Lei”, que absolutizavam a Lei, que se consideravam justos e dignos de salvação porque cumpriam escrupulosamente a Lei, e tinham a convicção de que isso lhes garantia automaticamente a salvação. Os “pequeninos” são os discípulos, os primeiros a responder positivamente à oferta do “Reino”; e são também esses pobres e marginalizados (os doentes, os publicanos, as mulheres de má vida, o “povo da terra”) que Jesus encontrava todos os dias pelos caminhos da Galileia, considerados malditos pela Lei, mas que acolhiam, com alegria e entusiasmo, a proposta libertadora de Jesus.

A segunda sentença (cf. Mt 11,27) relaciona-se com a anterior e explica o que é que foi escondido aos “sábios e inteligentes” e revelado aos “pequeninos”. Trata-se, nem mais nem menos, do “conhecimento” (quer dizer, uma “experiência profunda e íntima”) de Deus.

Os “sábios e inteligentes” (fariseus e doutores da Lei) estavam convencidos de que o conhecimento da Lei já era uma experiência de Deus. A Lei era uma espécie de “linha direta” com Deus, através da qual eles conheciam a vontade de Deus para o mundo e para os homens; por isso, apresentavam-se como possuidores da verdade, representantes de Deus, capazes de interpretar a vontade e os planos divinos.

Jesus deixa claro que quem quiser fazer uma experiência profunda e íntima de Deus tem de aceitar sua mensagem e segui-l’O. Ele é “o Filho” e só Ele tem uma experiência profunda de intimidade e de comunhão com o Pai. Quem rejeitar Jesus não poderá “conhecer” Deus, mas quem aceitar Jesus e O seguir, aprenderá a viver em comunhão com Deus, na obediência total aos seus projetos e na aceitação incondicional dos seus planos.

A terceira sentença (cf. Mt 11,28-30) é um convite a ir ao encontro de Jesus e a aceitar a sua proposta: “vinde a Mim”; “tomai sobre vós o meu jugo...”. Entre os fariseus do tempo de Jesus, a imagem do “jugo” era aplicada à Lei de Deus, a suprema norma de vida. Para os fariseus, a Lei não era um “jugo” pesado, mas um “jugo” glorioso, que devia ser carregado com alegria. Na realidade, tratava-se de um “jugo” pesadíssimo. É impossível cumprir, no dia a dia, os 613 mandamentos da Lei escrita. Isso criava consciências pesadas e atormentadas. Os incapazes de estar em regra com a Lei, sentiam-se condenados e malditos, afastados de Deus e indignos da salvação. A Lei aprisionava em lugar de libertar, afastava de Deus em lugar de conduzir a Deus.

Jesus veio libertar o homem da escravidão da Lei. A sua proposta de libertação plena dirige-se aos doentes, aos pecadores, ao povo simples, que não podia cumprir em detalhes a Lei. A todos aqueles que a Lei exclui e amaldiçoa, Jesus garante que Deus não os exclui nem amaldiçoa e convida-os a integrar o mundo novo do “Reino”. É nessa nova dinâmica proposta por Jesus que eles encontrarão a alegria e a felicidade que a Lei recusa dar-lhes.

A proposta do “Reino” será uma proposta reservada a uma classe determinada em detrimento de outra? Não. A proposta do “Reino” destina-se a todos os homens e mulheres, sem exceção... No entanto, são os pobres e povo os simples, que têm o coração mais disponível para acolher a proposta de Jesus. Os outros (os ricos, os poderosos) estão demasiado cheios de si próprios, dos seus interesses, dos seus esquemas, para correr o risco de aceitar a novidade de Deus.

Acolhendo a proposta de Jesus e seguindo-O, os pobres e oprimidos encontrarão o Pai, tornar-se-ão “filhos de Deus” e descobrirão a vida plena, a salvação definitiva, a felicidade total. (www.dehonianos.org)

CEBs animadas pela Palavra

02

Semana de 06 a 12 de julho
15º. Dom. do Tempo Comum – Ano A

Preparação do ambiente: *Num lugar central, colocar uma toalha branca, a bíblia, cruz, vela, flores, terço e outros objetos de devoção popular como imagens, livros de oração e cantos.
Levar o caderno para anotações!*



Acolhida

Canto inicial: *Somos gente nova vivendo a união, somos povo semente de uma nova nação ê, ê. Somos gente nova vivendo o amor, somos comunidade, povo do Senhor, ê, ê.*

Animador(a): Irmãos e irmãs, Paz e Bem! Estamos reunidos para mais um encontro de Círculo bíblico. Hoje vamos refletir sobre a proposta de comunidade segundo o modelo descrito no Atos dos Apóstolos (At 2,42). Iniciemos:

Todos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Oração inicial: Oração do 16º Intereclesial de CEBs (página 04)

1. Palavra da Igreja

Animador(a): No encontro da semana passada refletimos sobre as CEBs como comunidades de discípulos missionários e as indicações pastorais para fortalecer as comunidades. Dando continuidade ao estudo do documento 114 da CNBB, novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.

Leitor(a) 1: (N. 118) A proposta das pequenas comunidades não pode ser uma questão de nomenclatura que defina unicamente o que caracteriza uma comunidade de fé e exclua outras expressões. De fato, uma comunidade de discípulos missionários é composta de várias pessoas que interagem entre si e garantem sua identidade e missão. Cinco elementos as caracterizam, segundo o relato dos Atos dos Apóstolos sobre as primeiras comunidades cristãs (At 2,42): 1) a escuta da Palavra de Deus; 2) a comunhão entre os membros; 3) a oração comum, 4) a Eucaristia; 5) a missão de testemunhar, na sociedade, os valores do Evangelho.

Leitor(a) 2: (N. 119) Na caminhada da Igreja no Brasil, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) realizam o ideal das pequenas comunidades centradas na Palavra, assíduas aos sacramentos e comprometidas em formar discípulos que testemunhem o Evangelho na

sociedade. Seu espírito de comunhão, pertença e fidelidade ao modelo de At 2,42-47 inspira outros modelos comunitários que florescem na diversidade de nossas realidades. Todos eles expressão de sinodalidade e de Igreja em saída. Como recordava São João Paulo II, as CEBs são centros de formação cristã e irradiação missionária, especialmente presentes nos meios simples, nas áreas rurais e nas periferias urbanas, ajudando a descentralizar a vida paroquial e a manter viva a atenção aos últimos. O Sínodo sobre a Sinodalidade afirmou que “as pequenas comunidades cristãs ou as comunidades eclesiais de base são o terreno onde podem florescer relações intensas de proximidade e reciprocidade, oferecendo a ocasião de viver concretamente a sinodalidade”.

Leitor(a) 3: (N. 122) Indicações pastorais para viver o modelo de comunidade à luz de At 2,42:

- g) Cultivar amor à Palavra, com grupos bíblicos, Leitura Orante e celebração do Ofício Divino;
- h) Acolher cada pessoa, superar o anonimato e criar vínculos que ajudem a viver e testemunhar o Evangelho;
- i) Garantir a celebração dominical (Celebração Eucarística ou Celebração da Palavra) como expressão de unidade da vida comunitária;
- j) Cuidar das relações internas, praticando diálogo, respeito e acolhimento entre todos os ministérios e vocações;
- k) Adotar a conversação no Espírito como método de escuta e discernimento comunitário, favorecendo comunhão, participação e missão.

2. Proclamação da Palavra de Deus

Animador(a): No Evangelho que iremos estudar hoje Jesus conta a parábola da semente, chamamos “da semente” porque insistência da parábola está na semente, não no semeador.

Canto de Aclamação ao Evangelho: *Aleluia, Aleluia, Aleluia! (4x)*
Semente é de Deus a Palavra o Cristo é o semeador; todo aquele que o encontra, vida eterna encontrou!

Canto de Aclamação ao Evangelho:

Leitor(a): **Mt 13,1-23**

3. Partilha da Palavra de Deus

Obs.: As repostas das perguntas dois e três, é bom anotar, para poder apresentar ao Conselho Pastoral da Comunidade, e quem for participar do Encontro Diocesano de CEBs, poder levar por escrito).

1. Segundo o texto da CNBB nos Atos dos Apóstolos as primeiras comunidades cristãs (At 2,42) tinham cinco características comum. Quais eram? Vamos recordar e repetir?
2. Quais dessas características estão presentes na nossa comunidade? Alguma não está? Por que?
3. Considerando que as CEBs são pequenas comunidades centradas na Palavra, assíduas aos sacramentos e comprometidas em formar discípulos que testemunhem o Evangelho na sociedade, podemos dizer que nossa comunidade é uma CEB? Por que?
4. A explicação da parábola desloca a atenção da semente para o tipo de terreno. E nós, como acolhemos a Palavra de Jesus? Será que ainda mantemos nosso compromisso com a justiça do Reino? Que tipo de terreno nós somos? Quais os obstáculos que nós devemos enfrentar para semeia a Palavra?
5. De acordo com o Evangelho podemos dizer que: “a semente do Reino da justiça vai vingar, apesar das dificuldades”, porque?

4. Rezar com a Bíblia

Animador: Como seguidores de Jesus, peçamos a Ele que oriente nossa caminhada na comunidade, rezemos ao Senhor.

Leitor(a) 1: Por todas as comunidades de nossa Diocese, para que sigam o exemplo das comunidades descritas no Atos dos Apóstolos, rezemos ao Senhor.

Todos: Senhor, escutai a nossa prece.

Leitor(a) 2: Pelos jovens de nossas comunidades, para que sejam como terrenos de terra boa disponíveis a testemunhar Jesus na sociedade, rezemos ao Senhor.

Leitor(a) 3: Por todas as lideranças de nossas comunidades, para que sejam testemunhas fieis de Jesus e anunciadores do Reino de Deus, rezemos ao Senhor.

Leitor(a) 4: Pela paz no mundo, para que as lideranças mundiais promovam a unidade, o respeito e a paz entre os povos, rezemos ao Senhor.

(Preces espontâneas)

Pai Nosso

Canto: *Toda palavra de vida é Palavra de Deus. Toda ação de liberdade é a divindade agindo entre nós. É a divindade agindo entre nós.*

Boa nova em nossa vida, Jesus semeou. O Evangelho em nosso peito é prova de amor (bis).

Todo grito por justiça que sobe do chão. É clamor e profecia que Deus anuncia para a conversão. Que Deus anuncia para a conversão.

Aleluia, aleluia! Bendita Palavra que faz libertar (bis)

Avisos: Ler a carta convite da página 03

Quem vai participar do encontro Diocesano de CEBs? Como é, ou como foi, o processo de escolha?

Bênção final e despedida

Para aprofundar a Palavra de Deus

Mt 13,1-23: Ouvir e compreender a Palavra em meio aos conflitos

O cap. 13 de Mateus é o início do discurso da terceira parte do evangelho, cujo tema é o mistério do Reino. Lendo essa parte de Mt sentimos que, por trás está o tema do conflito entre Jesus (o mestre da justiça) e as lideranças político-religiosas do tempo (responsáveis pela injustiça que gera a morte do povo). É sob essa ótica que devemos ler a parábola do semeador.

Mateus situa as parábolas do cap. 13 no mesmo contexto da polêmica do cap. 12, usando a expressão “Naquele dia” (13,1). Jesus sai de casa e vai sentar-se junto ao mar. Cercado pelas multidões, começa a falar em parábolas, que revelam o que é o Reino de Deus. O texto de hoje pode ser dividido em três blocos:

a. A semente do Reino da justiça vai vingar, apesar das dificuldades (vv.3b-9)

A insistência da parábola está na semente, não no semeador. A parábola tem dois níveis de compreensão: o primeiro se refere à prática de Jesus: como irá instaurar o Reino de Deus diante de tanta rejeição? Como evitar o fracasso? O segundo nível está relacionado com as crises das comunidades, berço do evangelho de Mateus. Elas se perguntavam: se o Reino de Deus está no nosso meio, como explicar os fracassos e conflitos?

A parábola da semente quer responder a essas questões. Em primeiro lugar, é bom recordar o óbvio: a semente possui em si todos os germes de vida. Assim é a Palavra de Jesus. Assim é sua prática de justiça: leva à vida, aos frutos. Jesus é o semeador generoso que não esconde a semente (Palavra). Apesar do aparente fracasso, diante de tanta rejeição, o sucesso da colheita será garantido. Há forças contrárias que abafam o poder de vida da semente (pássaros, terreno pedregoso, espinhos), mas Jesus é como o experiente lavrador: sabe que, ao semear, um pouco se perde. Mas isso não conta diante do sucesso da colheita. As possíveis perdas são compensadas no produto abundante.

Às suas comunidades Mateus responde afirmando que o aparente fracasso é evitado semeando. As resistências existem, os conflitos se manifestam, mas a semente do Reino está destinada a produzir frutos. Com a justiça do Reino acontece o mesmo que aconteceu com o semeador: o sucesso da colheita virá passando pelo risco do insucesso e do fracasso. Tal é o desafio que Jesus lança aos cristãos: “Quem tem ouvidos, ouça!” (v. 9).

b. “Vocês são felizes” (vv. 10-17)

Entre a parábola e sua explicação há um diálogo de Jesus com os discípulos. A pergunta dos discípulos: “Por que usas parábolas para falar com eles?” (v. 10) revela a preocupação das primeiras comunidades cristãs e prepara a revelação definitiva de Jesus e seu projeto. A resposta de Jesus (vv. 11-15) denota que não há cisão entre o que ele diz e faz. E só há uma forma de compreender os mistérios do Reino (= a prática de Jesus): tornando-se seu discípulo. Só quem o aceita como o Messias é que reconhece em sua prática o projeto de Deus se realizando. A ação de Jesus provoca o julgamento de Deus: quem se posiciona a favor dele vai percebendo Deus agindo na história (“ao que tem será dado ainda mais, será dado em abundância”); quem o rejeita vai perdendo aos poucos não só a percepção do Deus que age nos acontecimentos bons ou ruins, como também a própria capacidade de um compromisso maior (“do homem que não tem, será tirado até o pouco que tem”).

c. Compreender a Palavra nos conflitos (vv. 18-23)

A explicação da parábola desloca a atenção da semente para o tipo de terreno. Com grande probabilidade, essa explicação é uma adaptação pastoral da parábola à crise das comunidades siro-palestinaenses, ameaçadas de desânimo. Se até agora o foco de atenção se concentrava nos conflitos externos às comunidades, a partir daqui procura-se olhar para dentro. Em outras palavras, Mateus pergunta às comunidades: “E vocês, como acolhem a Palavra de Jesus? Será que vocês ainda mantêm seu compromisso com a justiça do Reino? Que tipo de terreno são vocês? Quais os obstáculos que vocês põem à Palavra?”

O primeiro obstáculo é a superficialidade ou a insensibilidade (estrada de chão batido, onde a semente não nasce). A opção por Jesus não foi suficientemente forte a ponto de “amolecer” a insensibilidade; não atingiu a profundidade, ficou só na superfície. O Maligno rouba e leva embora (v. 19).

O segundo obstáculo são as perseguições e conflitos (vv. 20-21). Diante delas surge facilmente o desânimo. Não se trata de qualquer tipo de perseguição. São as perseguições “por causa da Palavra”. É o testemunho que provoca conflito e rejeição, exatamente como aconteceu com Jesus.

O terceiro obstáculo são “as preocupações do mundo e a ilusão da riqueza” (v. 22). Isso denota que o cristão vive num contexto concreto: em meio a estruturas políticas e econômicas que fascinam e seduzem. Elas têm poder de anestesiar (sufocar), de tornar estéril e ineficaz o poder da Palavra.

O tipo de cristão ideal é identificado com o terreno bom (v. 23). Ele compreende a Palavra; e age assim porque é terra boa. É a única alternativa para o cristão. (José Bortolini, *Roteiros Homiléticos*, Paulus).

CEBs sinais do Reino de Deus

03

Semana de 13 a 19 de julho
16º Domingo do Tempo Comum – Ano A

Preparação do ambiente: Num lugar central, colocar a bíblia, uma cruz, um ramo verde outro seco uma imagem ou fotos de pessoas reunidas em comunidade ou com Jesus, um bolo para partilhar.
Levar o caderno para anotações!



Acolhida

Canto inicial: Oi que prazer, que alegria o nosso encontro de irmãos é como um banho perfumado, gostosa é nossa união.

Animador(a): Irmãos e irmãs, boa noite! Paz e Bem! Sejam todos bem-vindos. No encontro de hoje vamos refletir sobre o aprendizado que os discípulos tiveram nos anos de convivência com Jesus, da vida em comunidade, como um sinal do reino de Deus. É muito importante para nossa vida em comunidade, porque temos a Certeza da presença de Jesus no meio de nós. Iniciemos cantando:

Todos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Oração inicial: Oração do 16º Intereclesial de CEBs (página 04)

1. Palavra da Igreja

Animador(a): Estamos olhando nesse círculo bíblico de hoje a comunidade de apóstolos e discípulos que foram aprendendo com Jesus um novo jeito de viver. O Documento 100, da CNBB – Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia

A comunidade de Jesus na perspectiva do Reino de Deus

N. 74: A comunidade de apóstolos e discípulos foi aprendendo com Jesus um novo jeito de viver:

1. Na **comunhão com Jesus**: percebendo que todos são irmãos e irmãs, por isso ninguém devia aceitar o título de mestre, nem de pai, nem de guia (cf. Mt 23,8-10).
2. Na **igualdade de dignidade**: todos encontram a unidade em Cristo (cf. Gl 3,2), sendo assim homem e mulher passam a ter a mesma dignidade nessa comunidade, contrariando a noção de que a mulher fosse inferior ao homem. Jesus revelou-se de modo surpreendente às mulheres: à samaritana disse ser o Messias (cf. Jo 4,26); a Madalena apareceu por primeiro depois da ressuscitado e a enviou a anunciar a Boa Nova aos apóstolos (cf. Mc 16,9-10; Jo 20,17).
3. Na **partilha dos bens**: na comunidade, ninguém tinha nada de

próprio (cf. Mc 10,28). Jesus não tinha onde reclinar a cabeça (cf. Mt 8 ,20), mas havia uma caixa comum que era partilhada também com os necessitados (cf. Jo 13,29). Nas viagens, o discípulo deveria confiar na acolhida e na partilha que receberia do povo (cf. Lc 10,7)

4. Na **amizade**: onde ninguém é superior nem escravo: Já não vos chamo de servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor. Eu vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi do meu Pai” (Jo 15,15).
5. No **serviço**: como nova forma de entender o poder. “Os reis das nações dominam sobre elas e os que exercem o poder se fazem chamar benfeitores. Entre vós não deve ser assim” (Lc 22,25-26). “Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que serve!” (cf. Mc. 10,43). Jesus mesmo deu o exemplo (cf. Jo 13,15), pois não veio para ser servido, mas para servir e doar a vida (cf. Mt 20,28).
6. No **perdão**: seria a marca de uma comunidade de Cristo. O poder de perdoar foi dado a Pedro (cf. Mt 16,19), aos apóstolos (cf. Jo 20,23) e às comunidades (cf. Mt 18,18).
7. Na **oração em comum**: eles iam juntos em romaria ao Templo (cf. 2,13; 7,14; 10,22-23), rezavam antes das refeições (cf. Mc 6,41; Lc 24,30) e frequentavam as sinagogas (cf. Lc 4,16). Em grupos menores, Jesus se retirava com eles para rezar (cf. Lc 9,28; Mt 26,36-37); e
8. Na **alegria**: expressão de que o Reino de Deus chegara e a salvação estava próxima: “Antes, ficai alegres porque seus nomes estão escritos no céu” (Lc 10,20), e seus olhos veem a realização da promessa (cf. Lc 10,23), o Reino é vosso! (cf. Lc 6,20). É a alegria que convive com dor e perseguição (cf. Mr 5,11).

2. Proclamação da Palavra de Deus

Animador(a): As parábolas de Jesus é uma forma de apresentar a dinâmica do Reino na nossa história. Ouçamos atentos o relato do evangelho de Mateus. Vamos aclamar a Palavra, cantando!

Canto de Aclamação ao Evangelho: Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e tudo mais vos será acrescentado aleluia, aleluia

Leitor(a): Mt 13,24-43

3. Partilha da Palavra de Deus

Obs.: As repostas das duas primeiras perguntas, é bom anotar, para poder apresentar ao Conselho Pastoral da Comunidade, e quem for participar do Encontro Diocesano de CEBs, poder levar por escrito).

1. A comunidade que Jesus forma, é na perspectiva do Reino. Nas nossas comunidades, hoje, o que têm que lembra as características e valores do Reino? Quais das orientações deixadas por Jesus, se aplicam também às nossas comunidades?
2. Comunidade é sinal do reino de Deus. Em que momentos percebemos esses sinais na prática da comunidade?
3. No Evangelho, vimos o bem e o mal caminharem juntos até chegar o momento da separação. Esta parábola está dirigida à multidão dos ouvintes de Jesus. Hoje, como percebemos a realidade do bem e do mal? Onde eles aparecem juntos?

4 Rezar com a Bíblia

Animador(a): Neste momento de prece, vamos pedir a Deus que venha até nós e seu reino de justiça e paz, rezando:

Todos: Senhor, atende nosso pedido!

Leitor(a) 1: Pai de amor, nos deste a vida para aproveitar as coisas boas dai-nos a graça de ajudar na construção do reino de amor, rezemos

Todos: Senhor, atende o nosso pedido

Leitor(a) 2: Para que sejamos missionários a serviço do reino de Justiça, rezemos,

Leitor(a) 3: Por todos os irmãos e irmãs que vivem na missão levando a palavra de Deus em todos os lugares do mundo, rezemos.

Leitor(a) 4: Pelas nossas comunidades, nossos presbíteros, religiosos (as) que doam suas vidas pela construção do reino de Deus, rezemos.

(preces espontâneas)

Pai Nosso

Avisos: No dia 01 de agosto é o encontro Diocesano de CEBs. Quem são as pessoas que vão participar, representando nossas comunidades?

Canto: Pai de amor aqui estamos /celebrando a unidade/ somos teus filhos amados /nesta mesa da igualdade/somos uma só família/ somos um só coração /nesta festa da partilha entre nós faz-se oração.

No raiar de um novo tempo, vida nova então se faz / A esperança de teu povo é justiça, amor e paz!

Bênção final

Saudação da paz e despedida.

Para aprofundar a Palavra de Deus

Mt 13,24-43: O Reino de Deus cresce em meio aos conflitos

O evangelho de hoje pode ser dividido em cinco momentos: vv. 24-30; vv. 31-32; v. 33; vv. 34-35; vv. 36-43. No plano do evangelho de Mt, o cap. 13 é a parte discursiva do terceiro livrinho (11,1-13,52). A melhor síntese das parábolas, e sua principal chave de leitura é esta: a justiça do Reino vai vencer.

a. O inimigo do Reino (vv. 24-30)

A parábola do joio no meio do trigo continua o tema da parábola do semeador (13,1-9). Lá se afirmava o absoluto êxito da justiça que faz surgir o Reino, apesar dos tropeços. Aqui Jesus critica a pressa dos discípulos e das comunidades cristãs em querer separar bons e maus, justos e injustos. Pode-se dizer que Jesus condena a impaciência messiânica dos discípulos. Estes, à semelhança dos fariseus e essênios, pretendiam formar comunidades “puras”, fuggindo da realidade (essênios), ou considerando-se “separados” (fariseus).

A parábola do joio no meio do trigo mostra que a sociedade é um campo de semeaduras diferentes e contrastantes. O semeador cumpre o dever de semear boa semente: é o discípulo de Jesus que continua firme na prática da justiça (cf. v. 27). Contudo, no meio do terreno cresce também o joio (a injustiça). Isso não é fruto de um dualismo absoluto, pois o inimigo também semeia. O inimigo são pessoas e estruturas injustas que crescem junto com a semente do Reino. Aí reside a perplexidade das comunidades cristãs. Elas se perguntavam: se de fato Jesus é o Deus-conosco, o Mestre da justiça, como se explica o crescimento da injustiça na sociedade? Por que ele não intervém, arrancando tudo de uma vez? (cf. I leitura). Daí nasce o desejo de “fazer justiça com as próprias mãos”: “Quer que arranquemos o joio?” (v. 28b).

A resposta do dono da colheita é clara: só a Deus cabe fazer a triagem. Se a separação fosse agora, correr-se-ia o perigo de arrancar o trigo junto com o joio pois, quando pequenos, são muito parecidos, mas no momento da espiga, a diferença fica evidente. Só Jesus tem o direito de ordenar a seleção final, cujo critério de distinção serão os frutos (prática da justiça ou prática da injustiça). A parábola quer transmitir esta mensagem: a justiça que faz surgir o Reino de Deus se decide num campo de lutas, numa sociedade conflituosa. Aos discípulos de Jesus não cabe fazer justiça. A eles compete semear...

Contudo, ficam no ar duas questões: 1. O Reino de Deus não se mostra, assim, impotente diante do mal? 2. Não existe nenhuma possibilidade de subversão, de forma que o bem transforme o mal? As duas parábola seguintes tentam responder a essas questões.

b. O Reino cresce a olhos vistos (vv. 31-32)

A parábola da semente de mostarda trabalha com os termos menor e maior: a menor de todas as sementes se torna maior de todas as demais plantas da horta, a ponto de abrigar em seus ramos os pássaros com seus ninhos. Mateus diz que o grão de mostarda foi semeado no campo e não na horta. O campo é uma referência ao mundo no qual cresce o Reino de Deus.

Uma semente de mostarda num campo é a síntese da pequenez da comunidade que anuncia a justiça que faz surgir o Reino. Mas a semente de mostarda se torna árvore, atingindo, segundo a espécie, quatro ou nove metros de altura! E os pássaros (que representam, aqui, as nações) se aninham na árvore do Reino, tornando-se fecundos (os pássaros, normalmente, fazem ninhos para procriar, e não para dormir). Assim será a justiça do Reino de Deus, garante Jesus. Esperem para ver sua força. Ele sobressairá no campo e será ponto de encontro entre todos os povos!

c. O Reino é revolucionário (v. 33)

A parábola do fermento contrapõe o pouco ao muito, mostrando como o primeiro subverte o segundo. De fato, três porções de farinha perfaziam cerca de 42 quilos. O punhado de fermento é insignificante diante de tanta farinha! O fermento some no meio dela, mas a transforma e subverte completamente. Assim é a justiça que faz surgir o Reino. Um dia irá levantar toda a humanidade, pois tem poder de contagiar, transformar e levantar toda a massa. A justiça do Reino de Deus tem poder revolucionário.

d. Jesus revela o mistério do Reino (vv. 34-35)

Os vv. 34-35 interrompem a seqüência das parábolas. São um comentário do evangelista que pretende mostrar por que Jesus anuncia o Reino em parábolas. A função das parábolas é revelar o mistério escondido anteriormente, mas agora tornado manifesto na prática de Jesus. É nele que o Reino assume sua verdadeira feição e forma. Aceitando-o, entra-se no Reino.

e. A dinâmica do Reino na história (vv. 36-43)

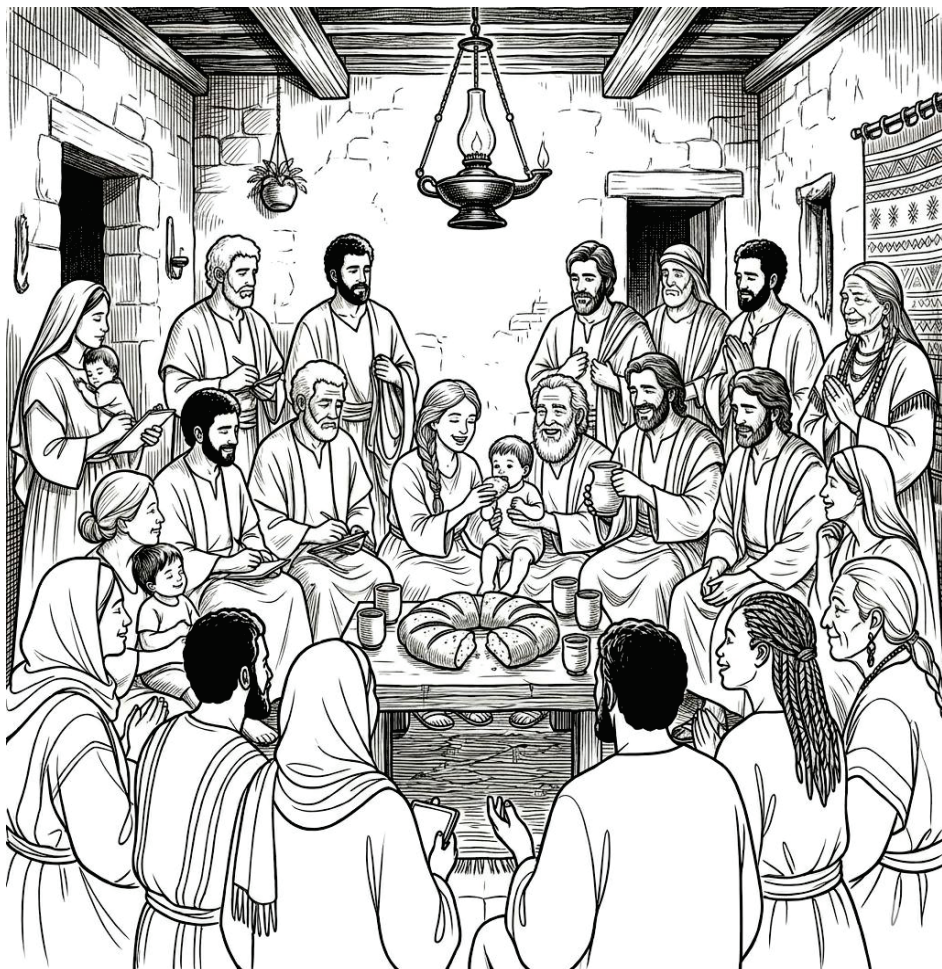
A “explicação” da parábola do joio no meio do trigo é fruto do esforço das comunidades em olhar para si próprias. Jesus volta para casa (v. 36), na intimidade com seus discípulos. É hora de olhar para dentro de nós mesmos e de nossas comunidades. A explicação acentua o contraste entre os filhos do Reino e os filhos do diabo (cf. v. 38). A boa semente são os filhos do Reino, ao passo que o joio são os que fazem os outros pecar e os que praticam o mal (v. 41). O convite final é: mãos à obra, para que o Reino se manifeste mediante a prática da justiça. (José Bortolini, *Roteiros Homiléticos*, Paulus).

CEBs: Comunidades Apostólicas

04

Semana de 20 a 26 de julho
17º Domingo do Tempo Comum – Ano A

Preparação do ambiente: Num lugar central, colocar a bíblia, uma cruz, flores naturais, se possível, uma rede, e algo que represente uma pérola e um tesouro. Foto ou figura de pessoas reunidas.



Acolhida

Canto inicial: (sugestão:)

“Nós estamos aqui reunidos como estavam em Jerusalém.

Pois só quando vivemos unidos é que o Espírito Santo nos vem!”

Animador(a): Acolhemos todos(as) vocês com muita alegria, para mais um encontro de escuta, partilha e vivência da Palavra em nossas vidas e no dia-a-dia de nossas famílias e comunidades. Sejam bem vindos(as)!

Todos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Oração inicial: Oração do 16º Intereclesial de CEBs (página 04)

1. Palavra da Igreja

Animador(a): No encontro de hoje continuaremos a reflexão sobre as Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, como Comunidades Apostólicas, sinais do Reino. Mais uma vez são os bispos que nos recordam os elementos indispensáveis de uma verdadeira comunidade, de inspiração apostólica. Acompanhemos com atenção e ardor nos corações o que diz o Documento número 100, da CNBB – Comunidade de Comunidades, uma nova paróquia.

Leitor(a) 1: (N. 80) Toda comunidade cristã se inspira nos quatro elementos distintivos da Igreja Primitiva:

- a) O *ensino dos Apóstolos*: a palavra dos apóstolos é a nova interpretação da vida e da lei a partir da experiência da ressurreição. Os cristãos tiveram a coragem de romper com o ensinamento dos escribas, os doutores da lei da época, e passaram a seguir o testemunho dos apóstolos. Eles consideravam a palavra dos apóstolos como Palavra de Deus (cf. 1Ts 2,13).
- b) A *comunhão fraterna*: indica a atitude de partilha de bens. Os primeiros cristãos colocavam tudo em comum a ponto de não haver necessitados entre eles (cf. At 2,44-45; 4,34-35). O ideal era chegar a uma partilha não só dos bens materiais, mas também dos bens espirituais, dos sentimentos e da experiência de vida, almejando uma convivência que superasse as barreiras provenientes das

tradições religiosas, classes sociais, sexo e etnias (cf. Gl 3,28; Cl 3,11; 1Cor 12,13).

- c) **A fração do pão (Eucaristia):** herança das refeições judaicas, principalmente da ceia pascal, nas quais o pai partilhava o pão com os filhos e com aqueles que não tinham nada. Pra os primeiros cristãos, a expressão lembrava as muitas vezes em que Jesus tinha partilhado o pão (cf. Jo 6,11). Lembrava o gesto que abriu os olhos dos discípulos para a presença viva de Jesus no meio da comunidade (cf. Lc 24,30-35). A fração do pão era feita nas casas (cf. At 2,46; 20,7); e
- d) **As orações:** por meio delas os cristãos permaneciam unidos a Deus e entre si (cf. At 5,12b), e se fortaleciam na hora das perseguições (cf. At 4,23-31). Os apóstolos atestavam que não poderiam anunciar bem o Evangelho se não se dedicassem à oração assídua (cf. At 6,4)

A perseverança na doutrina dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações, unia os seguidores de Jesus na mesma família e estreitava sempre mais seu vínculo com Cristo e os irmãos.

2. Proclamação da Palavra de Deus

Animador(a): O Reino de Deus tem um valor inestimável. Peçamos ao Espírito Santo a Sabedoria e a força para abrir nossos olhos e mente para reconhecer, valorizar e viver essas riquezas em nossas vidas.

Canto de Aclamação ao Evangelho: Aleluia! Aleluia! Aleluia!
Aleluia! (*sugestão*)

Canto de Aclamação ao Evangelho:

Leitor(a): **Mt 13,44-52**

3. Partilha da Palavra de Deus

Obs.: As repostas das perguntas um e dois, é bom anotar, para poder apresentar ao Conselho Pastoral da Comunidade, e quem for participar do Encontro Diocesano de CEBs, poder levar por escrito).

1. Os cristãos das primeiras comunidades tiveram a coragem de romper com os ensinamentos dos escribas e dos Doutores da Lei para seguir Jesus, com os critérios do Reino. Hoje, que teorias e doutrinas

confundem as comunidades, e criam dificuldades seguir os ensinamentos de Jesus? Quem são os “doutores” destas doutrinas?

2. Dos quatro elementos inspiradores das comunidades, conforme a CNBB, em qual deles a gente precisa se empenhar mais, como comunidade? Por que?
3. No texto do Evangelho que lemos, Jesus nos fala do Reino, comparando-o com os maiores tesouros. Quais são os maiores tesouros que temos em nossa vida? O que somos capazes de fazer por eles? E, pelo Reino de Deus, o que somos capazes de fazer?
4. A parábola da rede que apanha peixes bons e ruins, é uma alusão à sociedade, onde têm conflitos, coisas boas e ruins. E na comunidade, quais são as coisas boas e ruins, que é preciso selecionar?

4. Rezar com a Bíblia

Animador(a): Além de proclamar o Reino de Deus, nós temos o compromisso, a missão de viver os seus valores, as suas riquezas. Peçamos ao Pai a coragem, a força e a Sabedoria.

Leitor(a) 1: Fortalecei na Fé as nossas famílias... nós vos pedimos...

Todos(a): Pai, venha a nós o vosso Reino!

Animador(a): Despertai as comunidades e suas lideranças para o cultivo e vivência da fraternidade e da justiça... nós vos pedimos...

Animador(a): Conservai a Igreja no caminho das riquezas do Bem e da Paz... nós vos pedimos...

Animador(a): Encorajai o clero, religiosos e religiosas, para seguirem sua missão como verdadeiros Apóstolos de Jesus... nós vos pedimos...

Animador(a): Ajudai as Comunidades Eclesiais de Base a sempre serem sinais de esperança e sementes de acolhida e solidariedade... nos vos pedimos...

Pai Nosso

Avisos:

Canto: *Só tem lugar nessa mesa*

Bênção final, saudação da paz e despedida.

Para aprofundar a Palavra de Deus

Mt 13,44-52: Discernimento e opção pelo Reino

O texto de hoje é a conclusão do discurso sobre o mistério do Reino (13,1-52). Podemos dividir o texto deste dia em três partes: vv. 44-46; vv. 47-50; vv. 51-52.

a. Opção radical pelo Reino (vv. 44-46)

Estes três versículos encerram duas pequenas parábolas: a do tesouro escondido (v. 44) e a da pérola de grande valor (vv. 45-46). Ambas focalizam o tema da opção radical pelo Reino da justiça, diante do qual vale a pena arriscar tudo, alegremente. Ambas mostram a atitude de alguém que vende tudo o que possui para conquistar o novo, algo de valor incalculável, o único valor absoluto. Podemos imaginar os efeitos que essas parábolas tiveram para as comunidades siro-palestineses, desiludidas e ameaçadas de afrouxamento.

A primeira parábola é a do tesouro escondido no campo (v. 44). A parábola não compara o Reino com o tesouro, mas quer mostrar o estado de ânimo de quem encontra esse tesouro. Assim deve ser o estado de ânimo de quem descobre o Reino da justiça como valor absoluto de suas vidas. Como reage quem encontra um tesouro? Como reage quem descobriu que a justiça é o único caminho para conseguirmos uma sociedade nova?

O texto não afirma que o descobridor estivesse à procura de tesouros escondidos. Simplesmente topa com ele, sem esforço. O Reino da justiça também não é objeto de buscas intermináveis; está debaixo de nossos pés, a nosso alcance, em nosso chão. A reação de quem encontrou o tesouro é de alegria e se desfazer de tudo para a obtenção desse tesouro. Aí está, diz Mateus, o estado de ânimo de quem descobriu, na prática da justiça do Reino, o caminho escondido do mundo novo.

A segunda parábola é a da pérola de grande valor (vv. 45-46). Há algumas diferenças em relação à anterior: o fato de o comprador estar buscando pérolas e a não-menção da alegria com que vende todos os seus bens. Contudo, o significado é o mesmo da parábola anterior: pelo fato de encontrar um valor maior, desfaz-se de tudo para possuí-lo, porque vale a pena. Fique bem claro, porém, que o Reino não é troca de mercadorias. Não pode ser comprado como o campo que esconde o tesouro, ou como a pérola. As parábolas querem salientar que nada faz falta a quem descobriu o sentido e valor da luta pela justiça.

b. O Reino em meio aos conflitos (vv. 47-50)

A parábola da rede lançada ao mar (vv. 47-50) prolonga o tema da parábola do joio no meio do trigo (cf. a parábola do domingo passado) e tem sabor de escatologia final. Na sociedade convivem lado a lado “peixes bons” e “peixes ruins”. Levítico (11,9-12) e Deuteronômio (14,9) prescreviam quais peixes podiam ou não ser comidos. Quem lança a rede é Deus e só a ele compete ordenar a triagem. O juízo constará de separação. A parábola, portanto, mostra às comunidades cristãs qual será sua sorte final se perseverarem no discernimento e na opção definitiva pelo Reino de justiça.

c. Convite ao discernimento (vv. 51-52)

Os vv. 51-52 pretendem ser a conclusão das parábolas. A insistência do v. 51 cai sobre a compreensão ou discernimento: “Vocês compreenderam tudo isso?” Não se trata simplesmente de entender o sentido das parábolas, mas assumir o ensinamento e a prática do Reino que elas manifestam. Trata-se de compreender o mistério do Reino, que pode ser resumido em dois pontos: 1. O mistério do Reino já foi e continua sendo manifestado naquilo que Jesus diz e realiza; 2. O que ele diz e realiza se prolonga na práxis da comunidade cristã em meio a uma sociedade conflituosa. A função da comunidade não é fazer a triagem ou fugir da realidade, mas dar continuidade à prática de Jesus.

Os discípulos (e as comunidades cristãs) afirmam ter compreendido tudo isso. “Por isso — diz Jesus — todo doutor da Lei que se torna discípulo no Reino do Céu é como um pai de família que tira do seu baú coisas novas e velhas” (v. 52). O versículo faz uma comparação entre o doutor da Lei e o pai de família. É possível ver nesse doutor da Lei uma referência ao próprio autor do evangelho (Mateus) que relê o Antigo Testamento (coisas velhas) à luz da novidade de Jesus (coisas novas). Tudo faz parte do patrimônio da fé; porém, seu valor está em se ter feito discípulo do Reino.

Mas pode ser também um modo pelo qual Mateus justifica as adaptações das parábolas às novas realidades das comunidades (a “explicação” da parábola do joio é uma releitura das comunidades). Ser discípulo do Reino de justiça permite administrá-lo sabiamente (o pai de família), para que sua mensagem ilumine e transforme os novos desafios.

Pode, ainda, ser uma referência à catequese. O evangelho de Mateus era uma espécie de manual do catequista cristão (doutor da Lei que se torna discípulo do Reino). Ora, também a catequese primitiva sentiu a necessidade de adaptar o núcleo central da fé às novas situações e desafios de uma sociedade conflituosa. Por isso o catequista estava e está sempre em busca de algo que, partindo da prática de Jesus, possa inspirar e levar à solução dos novos conflitos que se apresentam. (José Bortolini, *Roteiros Homiléticos*, Paulus).

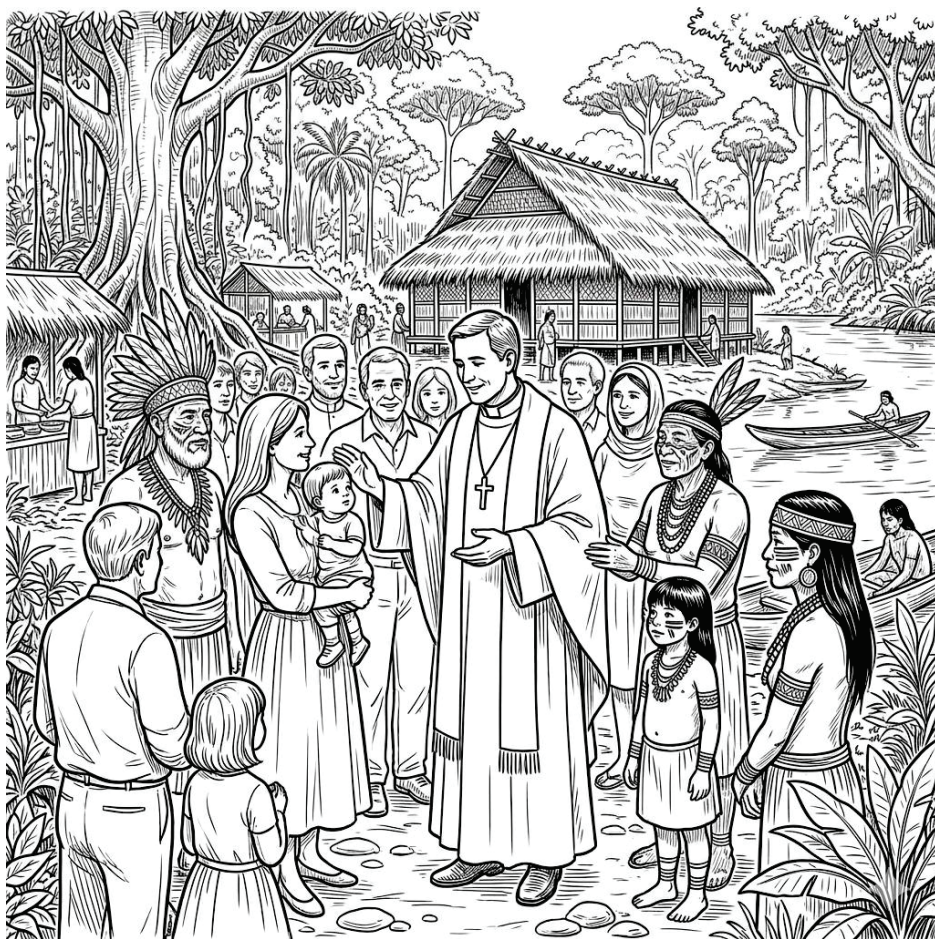
Vocação Presbiteral

05

Semana 27 de junho a 02 de agosto

18º Domingo do Tempo Comum – Ano A

Preparação do ambiente: Num lugar central, colocar a bíblia (sempre aberta), vela (acesa), flores naturais. Se possível, cada participante seja convidado, antecipadamente, a levar alguma comida para partilhar. Ou um pão. Fotos ou imagens de sacerdotes.



Acolhida

Animador(a): Irmãos e irmãs, sejamos bem-vindos(as) a este encontro na casa da família de (dizer os nomes...), para ouvir, rezar e partilhar a Palavra e o pão material! Com muita alegria iniciemos cantando...

Canto: (sugestão) “Eis-me aqui, Senhor! (bis) Pra fazer Tua vontade; Pra viver no Teu amor! (bis) Eis-me aqui, Senhor!

Todos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Oração inicial: Oração do 16º Intereclesial de CEBs (página 04)

1. Palavra da Igreja

Animador(a): Durante o mês de agosto a Igreja nos convida a intensificar nossas reflexões e orações para as vocações dos cristãos. Nesta primeira semana vamos olhar com carinho e seriedade para o Ministério Sacerdotal, a Vocação Presbiteral.

A Vocação Presbiteral

Leitor(a) 1: Todas as vocações nascem do Batismo e todas as vocações tem seu lugar na comunidade de fé, como dom e graça de Deus. Pelo batismo todo cristão, discípulo de Cristo, tem a missão de ser sacerdote, profeta e pastor. Pela ordenação presbiteral, aquilo que é comum a todos os cristãos, torna-se um ministério, como um serviço de especial dedicação à comunidade.

Leitor(a) 2: A vocação é um chamado de Cristo para o serviço aos irmãos, em nome do Reino de Deus. Os evangelhos relatam a vocação dos primeiros discípulos de Jesus no lago da Galileia. Depois, Jesus subiu a montanha e chamou os que ele queria, e foram até Ele. Jesus mesmo vai dizer: “não fostes vós que me escolhestes; fui eu que os escolhi e vos designei para dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça”. O ponto de partida é sempre um chamado, uma vocação, uma eleição.

Leitor(a) 1: A característica principal do discípulo de Jesus é o serviço: “Sabeis que os que são considerados chefes das nações as dominam, e

os grandes fazem sentir o seu poder. Entre vós não seja assim. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós, seja o servo de todos. Quem recebe um ministério na Igreja é para servir, tanto à comunidade como ao mundo, na promoção da vida.

Leitor(a) 2: Na última ceia, na mesma em que Jesus instituiu a Eucaristia e o sacerdócio, foi a mesma ceia em que ele, de acordo com o Evangelho de S. João, em que ele lavou os pés dos discípulos e deixou o mandamento do amor e a ordem do serviço: também vós deveis lavar os pés uns dos outros”.

Leitor(a) 1: O serviço do Presbítero na Igreja realiza-se em três dimensões, ou três missões: missão sacerdotal, missão profética e missão pastoral. O Concílio Vaticano II, conforme uma tradição que vem desde a Igreja primitiva, confirma, dizendo que as responsabilidades dos ministros ordenados são em três âmbitos: o anúncio da Palavra de Deus (*missão profética*); a celebração do culto cristão (*missão sacerdotal*); e o governo da comunidade (*missão pastoral*). Esses três âmbitos não são independentes entre eles, mas representam aspectos da única missão apostólica, são interdependentes e complementares e não se pode separá-los, nem um se sobrepor aos outros, correndo o risco de empobrecer o ministério.

Leitor(a) 2: O ministério presbiteral não se exerce sozinho, mas em comunhão e unidade com a Igreja, no presbitério da Diocese. O presbitério é um colegiado, um corpo de pastores na Igreja, que, presidido pelo Bispo, fortalece os irmãos na fé, forma e orienta as comunidades em sua vida eclesial, e Igreja em missão profética e servidora no mundo. O presbítero nunca está sozinho, porque o presbitério é uma comunidade de irmãos que exercem o mesmo ministério e o mesmo serviço ao povo de Deus, animados pela mística do Reino de Deus.

2. Proclamação da Palavra de Deus

Animador(a): Jesus, no Evangelho deste 18º Domingo do Tempo Comum, nos convida e desafia para a partilha da Palavra e do pão. Ouçamos atentos o relato de Mateus. Vamos aclamar a Palavra, cantando!

Canto de Aclamação ao Evangelho: (sugestão...)

Aleluia, aleluia, aleluia! Aleluia! (bis)

“Os cristãos tinham tudo em comum; dividiam seus bens com alegria. Deus espera que os dons de cada um; se repartam com amos no dia-a-dia”.

Aleluia, aleluia, aleluia! Aleluia! (bis)

Leitor(a): Mt 14,13-21

3. Partilha da Palavra de Deus

- 1 Você conhece o Presbítero, Padre, de sua Comunidade? Seu nome? Sua história de vida e vocação?
- 2 O Concílio Vaticano II realça as 3 dimensões da missão do Presbítero: Sacerdotal, Profética e Pastoral. Você identifica essas dimensões na missão dos Padres que você conhece?
- 3 O que podemos aprender com a afirmação: “O ministério presbiteral não se exerce sozinho...”? (*reler todo o último parágrafo do texto*). Vale para outros ministérios e serviços também? Por que?
- 4 A partilha do pão material, relatada pelo evangelista Mateus, nos lembra a Última Ceia, quando Jesus abençoou e repartiu o pão com os discípulos. São dois fortes sinais de como Ele quer nos apresentar o Reino de Deus. Reino de partilha, de serviço, de justiça. Em nossas comunidades onde podemos perceber a vivência destes valores? Em que devemos melhorar?
- 5 O “banquete de Herodes”, com fartura, resultou na morte de João Batista. O “banquete de Jesus”, com a partilha, saciou a fome, gerou vida. Em quais “banquetes” nós estamos participando? Que “banquetes” nossas comunidades estão promovendo?

4. Rezar com a Bíblia

Animador(a): A partilha do pão é o sinal que Jesus mais repete nos Evangelhos, sempre precedidos de uma ação de graças e de uma bênção, como é a tradição bíblica. Vamos também nós, agradecer pelos dons da partilha, do serviço e comprometimento com o Banquete da Vida.

Leitor(a): 1. Pelo Papa Leão IVX, pelo seu amor e compromisso de pastor, com a promoção da vida de todos, especialmente dos empobrecidos pela sociedade...

Todos(a): Nós Vos agradecemos, Senhor!

Leitor(a) 2: Por todos os Presbíteros, pelos seus testemunhos de cuidado e de serviço ao povo, vosso rebanho...

Leitor(a) 3: Por todos os Padres, Diáconos e Bispos, pela sua missão de profetas e pastores...

Leitor(a) 4: Pelos vocacionados ao Ministério Ordenado, fiéis aos ensinamentos do Reino de Deus...

Leitor(a) 5: Pelas famílias, e comunidades que vivem o acolhimento, a partilha e o serviço...

(Preces espontâneas)

Oração pelas vocações: na contracapa

Pai Nosso

Bênção final

Saudação da paz e despedida.

Para aprofundar a Palavra de Deus

Evangelho (Mt 14,13-21): O banquete da vida

Mateus 13,53 a 18,35 constitui o quarto livrinho desse evangelho, com a parte narrativa (13,53-17,27) e o discurso (cap. 18). O tema central da parte narrativa, de onde foi tirado o texto deste domingo, é este: o seguimento do Mestre da justiça. A impropriamente chamada primeira “multiplicação dos pães” é, pois, uma catequese sobre o seguimento de Jesus, o Mestre da justiça que, com sua prática (e a nossa), faz acontecer o Reino.

O texto de hoje começa dizendo que “quando soube da morte de João Batista, Jesus partiu e foi de barca para um lugar deserto e afastado” (v. 13a). Essa informação de Mateus é importante porque associa, por contraste, o que virá ao que precedeu. É bom, portanto, que nos detenhamos um pouco no episódio anterior (14,1-12). Herodes celebra um banquete com seus oficiais, no dia de seu aniversário. É o banquete dos poderosos (Herodes personifica o poder tirano) que buscam ter vida matando a esperança do povo, João Batista (cf. v. 5: “o povo considerava João Batista um profeta”). O banquete de Herodes com seus oficiais demonstra o que os poderosos entendem por vida, e como garantem para si vida em abundância. Por isso, a corte de Herodes é o lugar onde se decreta, por pressões, jogos de interesse, caprichos e convenções, a morte das esperanças populares. O banquete de Herodes é um banquete de morte.

Diante disso Jesus se retira a um lugar deserto. A menção do deserto evoca a ideia do êxodo, onde nasceu e se forjou a sociedade alternativa (compare com 3,1 e 4,1-11). A partir do deserto Jesus irá inaugurar o mundo novo, dando vida ao povo, em vez de sufocá-la e eliminá-la. O povo, vendo Jesus partir de barco, sai das cidades e o segue por terra (v. 13b). Essa alusão à saída das cidades completa a ideia do êxodo: o povo quer se livrar das cidades onde impera o domínio de Herodes e de seu sistema explorador.

Ao se encontrar com o povo, Jesus reage compadecendo-se (= sofrer com quem sofre). Essa reação contrasta com a de Herodes que mata João Batista, esperança do povo. Jesus não tira a vida, mas defende-a, curando os que estavam doentes (v. 14). Devolve, portanto, esperança e vida às massas.

Passada a hora da refeição, os discípulos sugerem que Jesus despeça o povo, a fim de que possa ir aos povoados comprar comida (v. 15). Comprar significa voltar àquela sociedade que explorava o povo com suas leis econômicas, conservando-o na miséria e dependência. Jesus quer quebrar esse sistema de dependência. Ao “comprar” contrapõe o “dar”: “Eles não precisam

ir embora. Vocês mesmos lhes deem de comer” (v. 16). Aqui se concentra uma das ideias revolucionárias do ser cristão: encontrar formas alternativas capazes de quebrar os mecanismos de dependência das estruturas iníquas que mantêm o povo submisso e algemado.

A reação dos discípulos parece ser de impotência: “Só temos aqui cinco pães e dois peixes”. Jesus recolhe toda a provisão (v. 18) e ordena que o povo sente no chão para comer (v. 19a). Sentar para a refeição era gesto de pessoas livres. A partir desse momento o povo não será mais um povo dependente e submisso. Jesus pega os cinco pães e os dois peixes, ergue os olhos ao céu e pronuncia a bênção (v. 19b). Ele assume a função do pai de família, iniciando assim a oração de agradecimento. Forma-se, nesse campo aberto, uma grande e única família, cujos membros, sem exceção, estão com fome. De fato, a fome não faz diferença de raça, cultura etc.

Como pai da grande família, Jesus agradece a Deus o pão. Com esse gesto reconhece que o pão é dom de Deus para todos, desvinculando-o da submissão àqueles que detêm o poder e o monopólio sobre os bens de primeira necessidade. O alimento entra, assim, na esfera da gratuidade. Deus o concede gratuitamente, e partilhá-lo é prolongar a gratuidade e generosidade divinas. Com isso o pão é libertado do egoísmo humano, deixando de ser objeto de lucro e exploração para se tornar gesto de partilha e fraternidade, gesto gratuito. A gratuidade vem de Deus, por Jesus, e se prolonga na ação de partilha dos discípulos, que põem tudo à disposição (v. 19c). Se uma pessoa da minha família passa necessidade e tem fome, será que poderei continuar indiferente?

O texto afirma que todos comeram e ficaram satisfeitos (v. 20a). Cumpre-se, assim, a bem-aventurança: “Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (5,6). Mais ainda: as sobras, doze cestos (número simbólico que recorda as doze tribos de Israel, isto é, todo o povo), estão a indicar que o verdadeiro milagre é a partilha, capaz de saciar um povo inteiro. O amor traduzido na partilha de tudo garante a abundância dos bens capaz de suprimir as desigualdades de uma sociedade injusta e gananciosa.

Podemos, então, entender melhor por que Jesus rejeitou a tentação de resolver a questão da fome com um passe de mágica, um milagre (cf. a tentação de Jesus em Mt 4,3). A solução para o problema da fome não está num milagre (econômico ou religioso), pois Jesus rejeitou essa tentação. O verdadeiro milagre é o da distribuição e partilha dos bens da criação. Esse “milagre” não é difícil nem impossível, pois os pobres e Jesus já o estão realizando! (José Bortolini, *Roteiros Homiléticos*, Paulus).

Vocação Matrimonial

06

Semana de 03 a 09 de agosto
19º Domingo do Tempo Comum – Ano A

Preparação do ambiente: *Num lugar central, colocar a biblia, uma cruz, flores naturais, se possível, uma imagem da sagrada família.*



Acolhida

Canto inicial: Olhado a sagrada família /Jesus, Maria e José /saibamos fazer a partilha do Gesto de amor e de fé.

Animador(a): Irmãos e irmãs, boa noite! Unidos à sagrada família, cuja presença está simbolizada nesta imagem, iniciemos nosso encontro cantando:

Todos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Oração inicial: Oração do 16º Intereclesial de CEBs (página 04)

1. Palavra da Igreja

Animador(a): Estamos no mês das vocações, e nesta semana celebramos a semana nacional da família, por isso hoje vamos refletir sobre a vocação ao matrimônio. Completando a semana, domingo vamos comemorar o dia dos pais, lembrando que ser pai e mãe, também é vocação.

Leitor(a) 1: O sacramento do matrimônio é uma aliança sagrada, indissolúvel. É um sacramento que une um homem e uma mulher por toda a vida, diante de Deus, refletindo o amor de Cristo pela Igreja. Instituído por Deus (Gn 2,24). É uma vocação para a união total, fidelidade, abertura à procriação, santificando o casal e a família. O sacramento do matrimônio encontra raízes profundas na Sagrada Escritura, desde o relato da criação do homem e da mulher, até a visão das “núpcias do Cordeiro”, no final dos tempos. A Bíblia fala do matrimônio e do seu “mistério”, da sua instituição e do propósito que Deus lhe deu. Através das Escrituras, compreendemos que o matrimônio é uma instituição divina, e não apenas uma construção humana.

Leitor(a) 2: A vocação para o matrimônio está enraizada na própria natureza do homem e da mulher, criados à imagem de Deus, que é amor. Deus os criou, homem e mulher, para que, através do amor mútuo, refletissem a imagem do Seu amor absoluto e indefectível. O

propósito divino para o matrimônio é uma união sagrada que reflete o amor incondicional de Deus, destinada a ser fecunda, conforme Deus abençoou o homem e a mulher, dizendo: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. A celebração do matrimônio na Igreja não é apenas um evento social, mas um ato litúrgico que reconhece a presença de Deus no compromisso dos cônjuges. A troca de votos matrimoniais e a bênção nupcial são momentos centrais da cerimônia, em que os cônjuges expressam seu desejo de se amarem e se apoiarem ao longo de suas vidas.

2. Proclamação da Palavra de Deus

Animador(a): Na leitura de hoje vemos Jesus, no barco, atravessando o lago da Galileia. Certamente essa travessia é educava para os discípulos, aprendendo com Jesus a enfrentar as tempestades futuras e perigosas. Vamos aclamar a Palavra, cantando!

Canto de Aclamação ao Evangelho:

Leitor(a): Mt 14,22-33

3. Partilha da Palavra de Deus

- 1 Quem participou do Encontro de CEBs pode partilhar como foi o encontro.
- 2 A reflexão sobre a vocação matrimonial fala de aliança, e que a vocação para o matrimônio está enraizada na própria natureza do homem e da mulher, criados à imagem de Deus que é amor. O casamento civil é um contrato, e como qualquer contrato pode ser desfeito. Que diferença existe entre contrato e aliança; entre o casamento civil e o matrimônio, celebrado na Igreja?
- 3 O que nós podemos fazer para valorizar mais o sacramento do matrimônio nas nossas Comunidades?
- 4 No Evangelho os discípulos enfrentam uma tempestade, ficam com medo, pensam que estão sozinhos mas Jesus está perto deles e nem o reconhecem. Em nossa vida acontece isso também? Como é?

5 Foi o medo fez Pedro afundar, não foi a tempestade. O que o medo provoca em nossa vida? E nas famílias?

Canto: Das muitas coisas do meu tempo de criança, guardo vivo na lembrança o aconchego do meu lar.

4. Rezar com a Bíblia

Animador(a): No propósito divino para o matrimônio, a união sagrada reflete o amor incondicional de Deus. Confiando no amor misericordioso de Deus, apresentemos nossos pedidos.

Todos(a): Ó senhor abençoi e protegei as famílias

Leitor(a) 1: Pai Santo, que fizestes da união matrimonial um símbolo da união de Cristo com a Igreja, derramai generosamente sobre os vossos filhos e filhas a plenitude do vosso amor. Nós vos pedimos,

Leitor(a) 2: Pelos Pais, para que, diante das dificuldades da vida, não desistam de procurar a Deus. Nós vos pedimos,

Leitor(a) 3: Pela semana nacional da família, pelas comunidades que celebram esta semana, para que sejam fortalecidas na vida familiar. Nós os pedimos.

Leitor(a) 4: Por todos os missionários, que levam a Palavra de Deus à famílias, Igrejas domésticas, para que seu testemunho desperte novas vocações para a Igreja e para o mundo, nós vos pedimos.

(preces espontâneas)

Oração pelas vocações: na contracapa

Pai Nosso

Avisos: No dia 29 de agosto, na Prelazia, no horário das 08h00 às 17h00 acontecerá o Encontro diocesano dos Círculos Bíblicos.

Participantes: ao menos uma pessoa por grupo.

Canto: Abençoa, Senhor, as famílias ...

Bênção final, saudação da paz e despedida.

Para aprofundar a Palavra de Deus

Mt 14,22-33: Deus está presente nas lutas da comunidade

No evangelho de Mateus, a seção 13,53 a 17,27 é a parte narrativa do quarto livrinho, que pode ser sintetizado assim: O seguimento do Mestre da justiça. O trecho de hoje pertence a essa parte narrativa.

No trecho do domingo passado vimos Jesus inaugurando com os pobres e explorados uma nova humanidade, onde o comércio é substituído pela partilha dos bens da criação. A partilha é o grande milagre capaz de saciar a todos. E a abundância do que sobra será capaz de matar a fome de tantos outros.

O texto de hoje começa com uma afirmação estranha: Jesus obriga os discípulos a entrar na barca e seguir à sua frente, para o outro lado do mar (v. 22). Três coisas chamam a atenção: 1. Jesus obriga os discípulos a embarcar (é a única vez que o verbo obrigar aparece em Mateus). Jesus mostrou, no episódio anterior, que a partilha é a regra de ouro para o mundo novo. O ideal da partilha é confiado, agora, aos que seguem a Jesus. Ele os obriga a continuar o que acabou de fazer. 2. Os discípulos têm que atravessar o mar. O texto sintetiza bem a situação de uma comunidade em missão, em meio a dificuldades e tentativas de implantação do projeto de Deus. 3. Os discípulos são mandados à outra margem do lago, em território pagão, para semear as sementes do mundo novo: é o aspecto universal da missão da comunidade cristã.

Jesus passa a noite em oração (v. 23). No evangelho de Mateus só há duas menções a Jesus que reza a sós (cf. 26,36ss). Não sabemos o conteúdo da oração de Jesus no monte, mas certamente está relacionado com a missão dos discípulos e os desafios da “travessia” missionária. De fato, “a barca, já longe da terra, era batida pelas ondas, pois o vento era contrário” (v. 24). O vento contrário são as resistências ao projeto de Deus. A fragilidade da barca, a noite, o vento contrário dão a dimensão exata da fragilidade, obscuridade e desafios enfrentados pelas comunidades cristãs, sementes do Reino da justiça. O mar fala da dimensão itinerante do cristianismo, abrindo caminhos desconhecidos.

Jesus vai ao encontro dos discípulos de madrugada, andando sobre o mar (v. 25). Andar sobre o mar é prerrogativa divina (cf. Jó 9,8; 38,16). E a menção à madrugada pode ser entendida como referência à manhã da

ressurreição. No evangelho de Mateus Jesus é o Deus-conosco (cf. 1,23) para sempre (cf. 28,20). A memória disso o torna presente sobretudo nas horas difíceis da “travessia”.

Contudo, há sempre o risco de não captar sua presença nos acontecimentos, considerando-o um fantasma (cf. v. 26). Jesus se dá a conhecer como Deus presente que liberta das dificuldades: “Sou eu” (v. 27; em grego *ego eimi*, que recorda a revelação do Nome divino em Ex 3,14). O contato com sua Palavra dá coragem e afasta o temor. A expressão “coragem!” possui, no Novo Testamento, duas conotações: 1. Tomar coragem depois de algo que assustou e fez desfalecer (9,2.22; Mc 10,49); 2. Abastecer-se de coragem em vista dos desafios futuros ou das perseguições (cf. Jo 16,33; At 23,11). O encorajamento de Jesus tem essas duas dimensões.

Os vv. 28-31 são breve cena dentro do conjunto maior. Aparece a figura de Pedro que, desejando andar sobre as águas, retrata o anseio da comunidade cristã em participar da condição divina de Jesus. Pedro o reconhece como Senhor que tem poder de superar os desafios (v. 28). Mas revela também a insegurança e inconstância dos que, desejando superar os obstáculos, se detêm mais nas dificuldades do que na força do apelo daquele que enviou e chama: “Venha!” Demonstra, também, que nem ele nem os cristãos chegaram ainda a compreender que participar da vida de Jesus e do seu projeto é superar os desafios e obstáculos, sem pretender que Jesus resolva tudo com um milagre. O milagre é o de caminhar em meio aos desafios. O cristão se torna filho de Deus e participa do seu plano em meio às oposições e perseguições da sociedade que rejeita o projeto de Deus.

A apreensão de Jesus vale, portanto, para todos: “Homem fraco na fé, por que você duvidou?” (v. 31). A dúvida é o oposto ao risco ante os desafios. Não é o risco que faz afundar, mas a dúvida paralisante: “Quem enfrenta os desafios arrisca errar; quem não arrisca erra sempre!”

Os vv. 32-33 salientam dois aspectos importantes: 1. Depois que Jesus subiu à barca o vento cessou, ou seja, quando a comunidade cristã reconhece que Jesus caminha com ela, nenhum desafio é maior que a força ou capacidade de superá-lo. A memória da presença do Deus-conosco é determinante para atravessar qualquer tempestade. 2. Essa memória leva ao reconhecimento de quem é Jesus: ajoelharam-se diante dele, dizendo: “De fato, tu és o Filho de Deus”. (José Bortolini, *Roteiros Homiléticos*, Paulus).

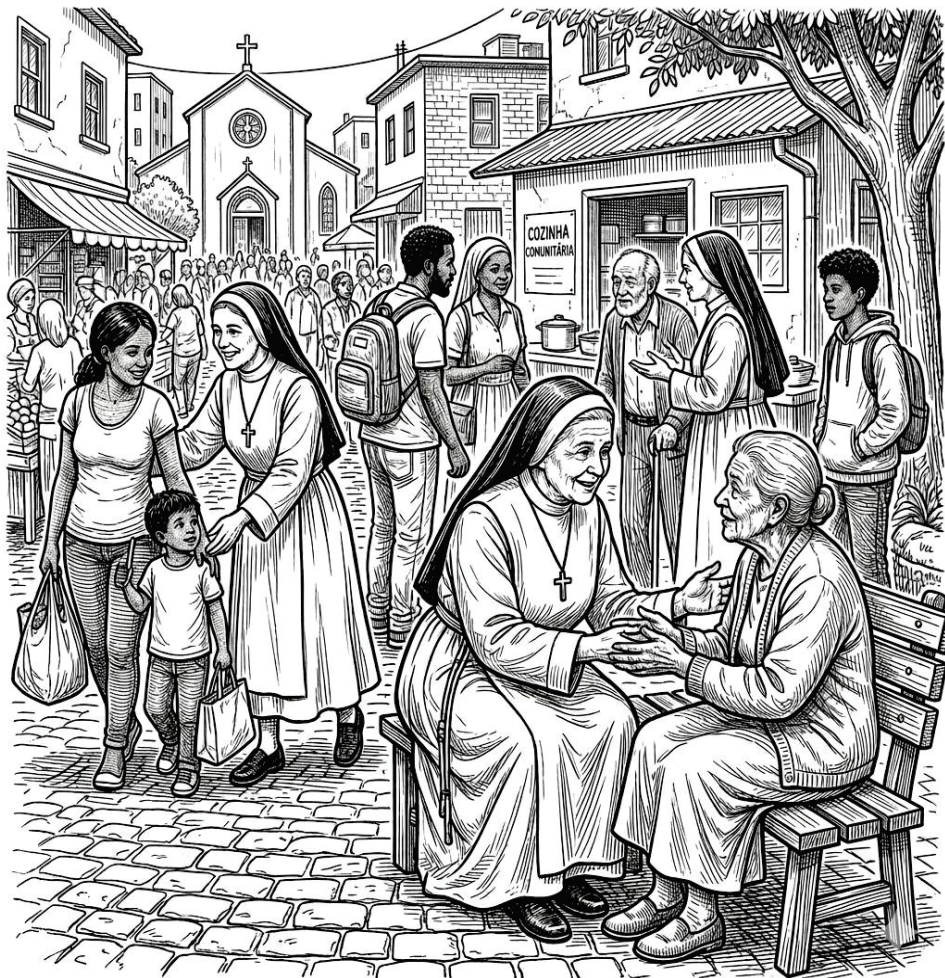
Vocação À Vida Consagrada

07

Semana de 10 a 16 de agosto

Assunção de Nossa Senhora

Preparação do ambiente: *Num lugar central, colocar a bíblia, uma cruz, flores naturais, uma imagem de Nossa Senhora e fotos dos missionários e missionárias.*



Acolhida

Canto inicial: *Virá o dia em que todos ao levantar a vista, veremos nessa terra reinar a liberdade (bis). Minha alma engrandece o Deus libertador. Se alegra o meu espírito em Deus meu salvador. Pois ele se lembrou do seu povo oprimido e fez de sua serva a mãe dos esquecidos...*

Animador(a): Irmãos e irmãs, sejam todos e todas bem-vindo(a)s! Esse canto que acabamos de cantar retrata o cântico de Maria no Evangelho que vamos estudar hoje. Com muita alegria vamos nos preparar para festa da Assunção de Nossa Senhora, iniciemos:

Todos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Oração inicial: Oração do 16º Intereclesial de CEBs (página 04)

1. Palavra da Igreja

Animador(a): Já refletimos sobre a vocação presbiteral e ao Matrimônio. Hoje vamos partilhar sobre a vocação à Vida Religiosa Consagrada através do chamado de Deus e de uma resposta livre e consciente do(a) vocacionado(a)!

VOCAÇÃO A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Leitor(a) 1: A Vida Religiosa Consagrada é um sinal da presença de Deus na história. A luz da Palavra e da Eucaristia assumimos a proposta do amor para testemunhar o Cristo Ressuscitado. O Papa Francisco nos recordava de que a vocação nasce da oração, o encontro pessoal com Jesus Cristo. O chamado que o Senhor faz a todo consagrado e consagrada é de estreitar laços da filiação, fazendo deles centelhas do mundo. Na Solenidade da Assunção da Virgem Maria queremos rezar pelas vocações à Vida Religiosa Consagrada, homens e mulheres que doam suas vidas ao serviço do Reino de Deus.

Leitor(a) 2: Tanto o Sínodo como o V Congresso Vocacional insistem sobre a importância da escuta sublinhando algumas qualidades /exigências eficazes como atenção, amor, acolhida, respeito, interatividade, apoio e solidariedade. Para o Sínodo, a escuta é a maneira de não sufocar, ou impedir a manifestação da voz do Espírito

Santo. Ninguém é dono da Verdade, lembra o texto base, sublinhando que a interatividade permite trilhar caminhos mais consistentes e seguros que fortalecem o espírito para a missão (cf. TB – 5º Congresso Vocacional, n.129).

Leitor(a) 1: Não há vocações, serviço e ministério se não houver oração, por isso somos chamados a ter um olhar sensível frente a realidade, fortalecendo ou desenvolvendo a cultura do encontro através do diálogo. Somos uma Igreja viva, chamada e convocada por um Deus que escuta nossos clamores e se debruça sobre nós com o convite para participarmos com nossa vida, nossa história, nosso itinerário, na missão de salvar e levar todos à comunhão eterna no seio da Trindade Santa.

Leitor(a) 2: Na Diocese de Roraima são aproximadamente em torno de 90 missionários e missionárias com vários carismas que ousam anunciar Jesus Cristo nas diversas realidades. São pessoas que respondem diariamente o sim através dos votos de pobreza, castidade e obediência.

2. Proclamação da Palavra de Deus

Animador(a): No Evangelho Lucas relata o encontro de Maria com sua prima Isabel. Vamos ouvir com atenção o que aconteceu neste encontro.

Canto de Aclamação ao Evangelho: *Chegou a hora da alegria vamos ouvir essa palavra que nos guia. Tua Palavra vem chegando bem veloz, por todo canto, hoje, se escuta tua voz. Aleluia ...*

Leitor(a): **Lc 1,39-56**

3. Partilha da Palavra de Deus

- 1 O que mais chama sua atenção no texto sobre a Vida Consagrada?
- 2 Na sua comunidade teve ou tem ainda a presença de missionários e/ou missionárias? Alguém pode contar como é essa experiência?
- 3 No evangelho, encontramos em Maria duas qualidades do discipulado: prontidão absoluta à palavra de Deus e disponibilidade para servir, por isso vai ao encontro de Isabel, que necessita de ajuda. Como, na comunidade, a gente pode ter estas atitudes de Maria?

4 No Magnificat Maria ressalta as maravilhas que Deus realiza em favor dos pobres. Hoje, que maravilhas Deus continua realizando?

4. Rezar com a Bíblia

Animador(a): Como filhas e filhos de Deus, peçamos a Ele que nos ajude a ouvir seu chamado, rezemos ao Senhor.

Leitor(a) 1: Por todas consagradas e todos consagrados que estão a serviço das comunidades de nossa Diocese, para que perseverem na missão, rezemos ao Senhor.

Todos: Senhor, escutai a nossa prece.

Leitor(a) 2: Pelos jovens de nossas comunidades, para que aceitem o chamado de Deus para a Vida Consagrada, rezemos ao Senhor.

Leitor(a) 3: Pelas consagradas e consagrados do mundo, para que sejam exemplos de vida para novos religiosos e religiosas, rezemos ao Senhor.

Leitor(a) 4: Que o Senhor nos conceda o dom da sabedoria para que possamos ajudar as pessoas no discernimento da sua vocação, rezemos.

Leitor(a) 5: Pelas comunidades de nossa Diocese, para que, animados pelo Espírito Santo, sejam fonte de santas vocações para a missão, no serviço ao Povo de Deus, rezemos ao Senhor.

Oração pelas vocações: na contracapa

Pai Nosso

Avisos: No dia 29 de agosto, na Prelazia, no horário das 08h00 às 17h00 acontecerá o Encontro diocesano dos Círculos Bíblicos.

Participantes: ao menos uma pessoa por grupo.

Quem do grupo vai participar?

Canto: *O Deus que me criou, me quis me consagrou, para anunciar o seu amor.*

1 Eu sou como chuva em terra seca. Pra saciar, fazer brotar. Eu vivo para amar e pra servir!

É missão de todos nós! Deus chama, eu quero ouvir a sua voz!

Bênção final, saudação da paz e despedida.

Para aprofundar a Palavra de Deus

Lc 1,39-56: Maravilhas de Deus em favor dos humilhados

Esta seção é conhecida como “a visita de Maria a Isabel”. Pertence aos relatos do nascimento e infância de João Batista e de Jesus. O contexto é das aldeias: Maria é da aldeia de Nazaré e vai a uma aldeia da Judéia para servir. O relato está dividido em dois momentos: vv. 39-45 e vv. 46-56.

a. A Trindade se revela aos pobres (vv. 39-45)

Na anunciação, o anjo informa Maria da gravidez de Isabel, garantindo que nada é impossível para Deus (1,37). Ao declarar-se serva do Senhor (v. 38), Maria concebe Jesus e, como sinal de seu serviço, dirige-se apressadamente à casa de Zacarias, a serviço de Isabel (vv. 39-40). A cena mostra o encontro de duas mães agraciadas com o dom da fecundidade e da vida (Isabel era estéril e Maria não teve relações com nenhum homem). É também o encontro de duas crianças, o Precursor e o Messias, ambos cheios do Espírito Santo. Jesus havia sido concebido por obra do Espírito; João Batista exulta no seio de Isabel que, cheia do Espírito Santo, proclama Maria bem-aventurada. A Trindade se revela aos pobres e faz deles sua morada. O **Pai** havia revelado a Maria o dom feito a Isabel, a marginalizada porque era estéril; o **Espírito** revela a Isabel que Maria, a serva do Pai, se tornou “mãe do **Senhor**” (v. 43). Assim a Trindade entra na casa dos pobres e humilhados que esperam a libertação.

Os nomes dos personagens nos ajudam a ver melhor: **Jesus** (= Deus salva); **João** (= Deus é misericórdia); **Zacarias** (= Deus se lembrou); **Isabel** (= Deus é plenitude); **Maria** (= a amada). Maria se torna pioneira insuperável de evangelização, pois leva Jesus-Messias às pessoas.

As palavras de Isabel a Maria (vv. 42b-45) se inspiram na Bíblia, nas mulheres líderes do Antigo Testamento: Jael (“*Que Jael seja bendita entre as mulheres*”, Jz 5,24) e Judite (“*Que o Deus Altíssimo abençoe você, minha filha, mais que todas as mulheres da terra*”, Jt 13,18). A grande bem-aventurança de Maria é ter acreditado que as coisas ditas pelo Senhor iriam se cumprir (v. 45), por isso ela é modelo de discípulo. Ela é feliz não só porque é mãe, mas porque é discípula. O próprio Jesus afirma: “Felizes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam” (cf. 11,17-28).

Dois são as características mais importantes de Maria no relato da visita a Isabel. E são exatamente as qualidades do discipulado: **atenção e adesão absolutas à palavra de Deus** e, como consequência disso, **serviço a quem necessita**. Maria é discípula fiel a Deus e solidária ao próximo.

b. Magnificat: Deus realiza a esperança dos pobres (vv. 46-56)

O Magnificat se inspira no canto de Ana (1Sm 2,1-10), mãe de Samuel, depois que Deus a livrou da humilhação da esterilidade. É bem provável que a oração de Maria, já era um hino cantado nas comunidades cristãs, ainda antes de entrar no Evangelho de Lucas, onde se louva a intervenção de Deus em favor dos pobres, humilhados e famintos, contra os orgulhosos, poderosos e ricos (característica dos hinos de louvor). Ela ressalta o poder de Deus e as maravilhas que realiza em favor dos pobres, coroando suas esperanças. Maria expressa os sentimentos e atitudes de compromisso, esperança e confiança no poder de Deus. Ela representa um pouco cada um de nós, enquanto pobres e discípulos que acreditamos na força de Deus e em sua presença na história humana. Ela, portanto, é porta-voz qualificada dos discípulos e dos pobres que anseiam por libertação. É porta-voz dos oprimidos, pobres, aflitos, viúvas e órfãos. Opostos a esses estavam os ricos, mas também os orgulhosos e autosuficientes que punham suas esperanças nos próprios recursos, e não em Deus.

É um texto profético, no sentido de denunciar algo errado e anunciar uma transformação. Maria é profetisa porque, movida pelo Espírito, encarna os ideais dos profetas do Antigo Testamento, do qual também ela faz parte.

O Magnificat, como os salmos do tipo “hino de louvor”, contém:

- uma introdução (vv.46b-47) onde se louva Deus;
- um corpo (vv. 48-53), que enumera os motivos de louvor; e,
- uma conclusão (vv. 54-55), que ressalta que Deus cumpriu as promessas.

A introdução vê realizadas as expectativas de Ana (1Sm 1,11) e do profeta Habacuc (3,18), que traduzem as esperanças dos pobres (‘*anawim*, em hebraico, que aparece muitas vezes no Antigo Testamento). Neste hino, Maria torna-se intérprete dos anseios dos humilhados que, finalmente, veem realizadas suas esperanças. Todo o ser de Maria é envolvido no louvor.

O corpo do Magnificat ressalta a ação de Deus em favor dos humilhados (inicia com porquê...). Essa ação é descrita como maravilha, termo que, na Bíblia, marca as grandes intervenções de Deus em vista da libertação (por exemplo, o êxodo). A maravilha divina é libertar os que sofrem e esperam nele, exaltando-os e cumulando-os de bens. Os beneficiados são dois: Maria e os necessitados. Os aspectos político e econômico estão bem representados (poderosos destronados; ricos despedidos de mãos vazias).

A conclusão salienta que a ação de Deus em favor dos pobres é fruto da sua misericórdia, renovando hoje os benefícios e ações feitos no passado, mantendo a fidelidade prometida a Abraão e a seus descendentes. (José Bortolini, *Roteiros Homiléticos*, Paulus).

Vocação Leiga na Igreja

08

Semana de 17 a 23 de agosto
21º Domingo do Tempo Comum – Ano A

Preparação do ambiente: Num lugar central, colocar a bíblia, crucifixo, vela e símbolo que representa a vocação leiga na igreja: pão (partilha, eucaristia e alimento diário), bacia de água(batismo), flores(alegria) da vida e da beleza da criação.



Acolhida

Canto inicial: Eis-me aqui senhor

Animador(a): Irmãos e irmãs, sejam todos bem vindos, neste encontro vamos partilhar sobre o leigo(a) na igreja e a sua vocação como esperança, graça e confiança. A saída de si para viver em Cristo. Assim como serviço, caminhar juntos, desafios e alegrias:

Todos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Oração inicial: Oração do 16º Intereclesial de CEBs (página 04)

1. Palavra da Igreja

Animador(a): No Brasil a Igreja tem insistido fortemente na importância do protagonismo do leigo na Igreja. A CNBB (Doc. 105) afirma que “os cristãos leigos e leigas são sujeitos eclesiais, discípulos missionários, chamados a atuar com sal, luz e fermento na sociedade”. Hoje amos refletir sobre a vocação do leigo que assume com responsabilidade o seu batismo.

Leitor(a) 1: *“Caros amigos, todos somos chamados à santidade. Ao mesmo tempo, cada pessoa é importante aos olhos do Senhor, que convida individualmente aos homens e mulheres de boa vontade a participarem de Seu plano de amor. Por isso, podemos dizer que cada pessoa neste mundo tem uma particular missão e insubstituível responsabilidade na construção do Reino de Deus. Os leigos, são chamados por Deus a assumir com grande amor e generosidade sua missão específica na Igreja e no mundo.”*

Leitor(a) 2: Assim escrevia dom Edney Gouvêa Mattoso Bispo de Nova Friburgo (RJ), em um artigo onde explicava a importância da vocação laical. De fato, a vocação dos leigos é um chamado belo, exigente e profundamente transformador. Os leigos não são chamados simplesmente a “ajudar” a Igreja, mas a “ser Igreja no coração do mundo”, testemunhando a presença de Cristo em todos os ambientes da vida cotidiana: na família, no trabalho, nos ambientes da cultura, política, na sociedade inteira.

Leitor(a) 1: Este conceito já podemos encontrar nos documentos da igreja escritos durante o Concílio Vaticano II, especialmente na Constituição *Lumen Gentium*, nos quais com clareza se recorda que os leigos não são cristãos de “segunda categoria”, mas participantes ativos da missão do povo de Deus: *“Os leigos, incorporados a Cristo pelo Batismo, constituídos em povo de Deus e, a seu modo, tornados participantes da função sacerdotal, profética e régia de Cristo, exercem na Igreja e no mundo a missão de todo o povo cristão”* (*Lumen Gentium*, 31).

Leitor(a) 2: Essa missão se realiza, antes de tudo, na vida concreta. O leigo é chamado a santificar o mundo “por dentro”, como fermento na massa. O Decreto Apostolicam Actuositatem reforça essa identidade missionária: “A vocação cristã é, por sua própria natureza, também vocação ao apostolado” (AA, 2). Não existe, portanto, um cristão que não seja missionário. Cada leigo, recebendo o sacramento do batismo se torna um *enviado*, e podemos afirmar que cada leigo tem um papel insubstituível.

Leitor(a) 1: No Brasil, a CNBB tem insistido fortemente nessa consciência. No Documento 105, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*, se afirma que: *“Os cristãos leigos e leigas são sujeitos eclesiais, discípulos missionários, chamados a atuar como sal, luz e fermento na sociedade.”*

Leitor(a) 2: Ser sujeito eclesial significa não esperar tudo do padre ou da religiosa, mas assumir com responsabilidade e alegria o próprio lugar na missão. É reconhecer que Deus chama cada pessoa pelo nome e confia uma tarefa única.

Leitor(a) 1: Ainda no *Evangelii Gaudium*, Papa Francisco traz um forte impulso missionário para todos, especialmente os leigos, ele escreve: “Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus” (EG, 120), afirmando a importância da oração e convidando todos a um diálogo cotidiano com o Senhor através de uma vida de oração viva e fecunda. Não é preciso saber tudo, nem ser perfeito. O importante é poder encontrar Cristo e desejar partilhar essa alegria com os irmãos/as.

Leitor(a) 2: A vocação do leigo é, portanto, uma vocação de presença,

de testemunho e de transformação. É viver o Evangelho nas pequenas e grandes escolhas do dia a dia: na honestidade, no trabalho, na dedicação à família, na promoção da justiça, no cuidado com os mais pobres, na construção da paz.

Leitor(a) 1: Hoje, mais do que nunca, a Igreja precisa de leigos conscientes, formados e apaixonados por sua missão. Homens e mulheres que não tenham medo de viver a fé no mundo, que levem esperança onde há desânimo, luz onde há escuridão, e amor onde há indiferença. Que cada leigo possa escutar, no fundo do coração, este chamado de Deus: “Vai tu também para a minha vinha” (cf. Mt 20,4). E que, respondendo com generosidade, possa dizer com a própria vida: “Eis-me aqui, Senhor, envia-me!” (cf. Is 6,8).

2. Proclamação da Palavra de Deus

Animador(a): No evangelho que vamos ouvir como por Pedro, por ter reconhecido Jesus como messias, não só recebe um elogio, mas também uma responsabilidade, de manter-se fiel, e de ser pedra fundamental da comunidade que está sendo formada a partir da sua palavra e ação.

Canto de Aclamação ao Evangelho:

Leitor(a): **Mt 16,13-20**

3. Partilha da Palavra de Deus

1. Do texto lido acima, o que mais chama a atenção e me provoca? *Cada pessoa pode ler em voz alta o que mais lhe chamou atenção, e dizer o por quê.*

2. Os leigos não são chamados a “ajudar” a Igreja, mas a “ser Igreja no coração do mundo”. Concordamos com essa afirmação? Que desafio ela traz pra nós, na comunidade, na Igreja e na sociedade?

3. Qual é a rocha sobre a qual Jesus edificou a sua Igreja? Quem faz parte dessa rocha? Na comunidade, quem a gente pode considerar uma rocha?

4. Rezar com a Bíblia

Animador(a): Com a nossa vocação de leigos, nos alegrarmos com o chamado de servir com alegria, elevemos nossos pedidos.

Leitor(a): Por todos nós povo de Deus para que vivamos nossas vocações fazendo particularmente nossa missão na igreja e no mundo. Rezemos ao senhor.

Todos(a): Senhor, escutai a nossa prece.

Leitor(a): Por todos os leigos batizados e desanimados para que possam escutar do fundo do coração o chamado de Deus. Rezemos ao senhor.

Leitor(a): Pelos os cristãos leigos, para que fortalecidos pelo sacramento do batismo sejam sal da terra e luz do mundo, no seu dia a dia, fazendo resplandecer o amor de cristo. Rezemos ao senhor

Leitor(a): Para que o teu espirito ilumine e fortaleça os leigos na sua fé viva e o amor misericordioso para que sejam testemunha do evangelho na sociedade e na comunidade.

(Preces espontâneas)

Pai Nosso

Oração pelas vocações: na contracapa

Avisos: No dia 29 de agosto, na Prelazia, no horário das 08h00 às 17h00 acontecerá o Encontro diocesano dos Círculos Bíblicos.

Participantes: ao menos uma pessoa por grupo.

Quem do grupo ai participar?

Canto: *É missão de todos nós, Deus chama e quer ouvir a sua voz*

Bênção final, saudação da paz e despedida

Para aprofundar a Palavra de Deus

Mt 16,13-20: A missão de quem reconhece a Jesus

O texto de hoje está no contexto em que Pedro recebe a revelação de que Jesus é o Messias. Contudo, o que Pedro vê em Jesus não é fruto de especulação, mas fruto da adesão a Jesus e seu projeto do Reino de Justiça. Pedro, pode ser pedra de edificação da Igreja, quando professa a fé em Jesus, mas torna-se pedra de tropeço (Satanás), quando não pensa as coisas de Deus, mas está agarrado à mentalidade da sociedade injusta que levará Jesus à morte.

a. Quem é Jesus?

Jesus e os discípulos estão em Cesareia de Felipe. Jesus leva seus discípulos para longe do centro do poder político, econômico e ideológico. Cesareia de Felipe é uma espécie de “periferia”. É a partir dessa realidade que os discípulos são estimulados a responder *quem é Jesus*. O episódio tem dois momentos. No primeiro, Jesus pergunta aos discípulos o que as pessoas dizem a respeito dele (v. 13). A resposta revela a diversidade de opiniões, todas insuficientes para responder à pergunta: “Quem é Jesus?” Percebe-se que circula na sociedade uma imagem distorcida de Jesus, exatamente por causa de sua humanidade. Ele se apresenta como “Filho do Homem”: ele é carne e osso como qualquer um de nós. E justamente por isso é que começam as distorções.

No segundo momento, Jesus interpela diretamente aos discípulos: “Para vocês, quem sou eu?” A resposta de Pedro é um dos pontos altos do Evangelho de Mateus, cuja preocupação é a de apresentar Jesus como o Emanuel (= Deus conosco) e o Salvador (Jesus = Deus salva). Jesus é a realização das expectativas messiânicas, o portador da justiça que cria nova sociedade.

b. A comunidade nasce do reconhecimento de quem é Jesus (vv.17-18)

Reconhecer Jesus, é ser bem-aventurado, porque através dele o cristão mergulha no projeto de Deus, realizado em Jesus (v. 17). Ninguém chega a entender “quem é Jesus”, a não ser que esteja comprometido com as propostas do Reino, as mesmas do Pai: a justiça que faz surgir o Reino em nosso meio.

O reconhecimento de Jesus não é fruto de especulação ou teorias sobre ele, e sim de vivência do seu projeto (prática da justiça). É a partir de pessoas que o confessam, como Pedro, que nasce a comunidade (v. 18a). Essa confissão é forte como a rocha. Porém, não é fácil confessar. Jesus mostra que a comunidade cresce e adquire corpo em meio aos conflitos (as portas do inferno), onde forças hostis procuram derrubar o projeto de Deus.

Jesus confia grande responsabilidade de liderança a quem o confessa como Messias. Qual é a função dessa liderança? Em primeiro lugar, conservar, em

meio aos conflitos que a fé provoca, a firme convicção de que o projeto de Deus irá triunfar (o poder da morte não vai vencer). Em segundo lugar, mediante contínua conversão, testemunhar que a salvação e a vida provem de Deus. O aspecto da conversão está demonstrado nos vv. 21-23, onde Jesus mostra como realiza seu messianismo, através do sofrimento, da rejeição e da morte. Pedro se torna Satanás, quando propõe um messianismo alternativo, já rejeitado por Jesus nas tentações do deserto. A conversão de Pedro (e dos cristãos) é a conversão ao Cristo que luta pela justiça do Reino e por isso sofre, é rejeitado e morre. Confessar é aderir a Jesus, com todas as consequências que a prática da justiça acarreta. Simão Pedro – e a maioria das pessoas – gostaria que Jesus fosse do jeito que ele quer. O messias não é do jeito que nós imaginamos. Mas, Ele quer que nós sejamos do jeito que ele é.

c. O Projeto de Deus continua na comunidade (vv. 19-20)

Jesus realiza o projeto de Deus num contexto de conflitos e violência, passando pela morte e vencendo-a. Seu messianismo é uma luta constante em favor da justiça do Reino e contra as injustiças que promovem a morte. *E o cristianismo, o que é?* É o prolongamento da ação de Cristo que promove a justiça e a torna possível. O poder de Jesus é um poder que comunica vida. Sua prática o demonstra. Seu nome o comprova. Ele quer como colaboradores quem está disposto a confessá-lo, pois é a partir desse testemunho que nasce a comunidade de Cristo (construirei a minha Igreja). Jesus faz suas testemunhas participarem do seu poder de vida (darei as chaves do Reino do Céu).

Os projetos de morte têm poder, mas é um poder relativo. A comunidade de testemunhas do Cristo também tem poder, que é o mesmo do Cristo. Quando o testemunho cristão é verdadeiro, é o próprio Jesus quem age na comunidade, permitindo ligar e desligar. A comunidade não é proprietária do poder de Jesus. A comunidade administra esse poder agindo em favor de Cristo, através de suas obras. O texto fala de Pedro e de sua liderança na comunidade. Qual é a função desta liderança? É ser o ponto de união da comunidade que Cristo edificou com sua morte e ressurreição. É organizar a comunidade para que seja continuadora do projeto de Deus. A liderança leva a comunidade a aceitar aquilo que promove a vida, e a rejeitar tudo o que provoca a morte.

O trecho termina com a proibição aos discípulos de divulgarem que Jesus é o Messias. Por que Jesus proíbe? Por que não compreende o messianismo de Jesus quem não tem um compromisso sério no *seguimento* e na *identificação* com seu projeto. Inútil querer saber quem é Jesus por meio de sentenças decoradas. Sabe-se quem ele é por revelação do Pai (dom) e pelo compromisso com a prática da justiça. (José Bortolini, Roteiros Homiléticos, Paulus).

Vocação de Catequista

09

Semana de 24 a 30 de agosto
22º Domingo do Tempo Comum – Ano A

Preparação do ambiente: Num lugar central, colocar a bíblia, o diretório para a catequese ou o itinerário, uma cruz, todos em volta com velas acesas.



Acolhida

Canto inicial: Deus chama a gente pra um momento novo

Animador(a): Irmãos e irmãs, boa noite! Paz e bem! façamos um instante de silêncio para se colocar na presença do senhor iluminados pela chama do seu amor. Iniciemos, cantando:

Todos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Oração inicial: Oração do 16º Intereclesial de CEBs (página 04)

1. Palavra da Igreja

Animador(a): A vocação do catequista é, antes de tudo, um chamado de Deus acolhido na vida. Vamos ouvir com atenção esse testo do diretório da catequese.

Leitor(a) 1: A vocação do catequista é um chamado profundamente enraizado no próprio mistério da Igreja e na identidade cristã recebida nos sacramentos. Em virtude do Batismo e da Confirmação, todos os fiéis são incorporados a Cristo e participam de sua missão sacerdotal, profética e de rei servidor, tornando-se testemunhas do Evangelho “com a palavra e com o exemplo da vida cristã” (Diretório para Catequese. 2020, n. 61). No entanto, entre esses fiéis, alguns são chamados de modo particular a cooperar mais diretamente no ministério da Palavra, assumindo o serviço da catequese como expressão concreta de sua vocação.

Leitor(a) 1: Nesse sentido, a catequese ocupa um lugar essencial na vida da Igreja. Trata-se de um ministério indispensável para o crescimento da fé, pois não apenas transmite conteúdos, mas introduz os fiéis na própria vida cristã, sendo responsável por iniciar os cristãos na experiência viva com Deus. Assim, a vocação específica do catequista nasce da vocação comum do povo de Deus, que é chamado a colaborar no desígnio salvífico divino em favor da humanidade.

Leitor(a) 1: Essa missão, porém, não é exercida de forma isolada. **O**

catequista pertence a uma comunidade e é expressão dela, pois toda a comunidade cristã é responsável pela catequese, ainda que cada membro atue conforme sua função. Dessa forma, **o catequista atua inserido na comunidade, que é o primeiro espaço de vivência, testemunho e transmissão da fé.**

Leitor(a) 2: A vocação do catequista é, antes de tudo, um chamado de Deus acolhido na vida. Esse chamado o capacita a transmitir a fé e a conduzir outros ao encontro com Cristo. Trata-se de uma participação na própria missão de Jesus, que introduz os discípulos na relação filial com o Pai. Contudo, é importante reconhecer que **o verdadeiro protagonista da catequese é o Espírito Santo, que torna fecundos os esforços humanos e sustenta toda a ação evangelizadora.**

Leitor(a) 1: Além disso, **o catequista é mestre e mistagogo, chamado não apenas a ensinar conteúdos, mas a introduzir os catequizandos no mistério de Deus revelado em Jesus Cristo.** Ele comunica o conhecimento da fé e, ao mesmo tempo, **conduz** à experiência do mistério, especialmente por meio da liturgia e da vida comunitária. **Trata-se de uma missão que exige abertura à verdade sobre Deus e sobre a pessoa humana, ajudando cada indivíduo a descobrir sua vocação.**

Leitor(a) 2: Outra **dimensão** fundamental é a de **acompanhador e educador.** O catequista é alguém que **caminha junto, que escuta, orienta e respeita o processo de amadurecimento de cada pessoa.** Inspirado pela Exortação *Evangelii Gaudium*, ele se torna um verdadeiro “especialista na arte do acompanhamento”, exercendo sua missão com paciência, sensibilidade e confiança na ação do Espírito Santo. Conhecendo as alegrias, esperanças, tristezas e angústias dos catequizandos, ele sabe iluminá-las com a luz do Evangelho.

Leitor(a) 1: Por fim, **a vocação do catequista nasce de um encontro pessoal com Jesus Cristo.** Como recorda o Catecismo da Igreja

Católica, é desse encontro que surge “o desejo de anunciá-lo, de evangelizar e de levar outros ao ‘sim’ da fé em Jesus Cristo” (CIC, n. 429). Assim, **o catequista não é apenas alguém que ensina, mas alguém que, apaixonado por Cristo no seu mistério pascal, deseja partilhar essa experiência com os outros.**

Leitor(a) 2: Nesse sentido, ser catequista é responder a um chamado de amor e serviço. É assumir, na Igreja, a missão de formar discípulos missionários, testemunhar a fé e acompanhar vidas no caminho do encontro com Deus. Trata-se de uma vocação exigente, mas profundamente bela, sustentada pela graça dos sacramentos, pela força do Espírito Santo e pela comunhão com toda a Igreja. (*Referência: Diretório para a Catequese*).

2. Proclamação da Palavra de Deus

Animador(a): Vamos ouvir na palavra de Deus, Mateus mostrar à comunidade o que significa ser cristão. Em outras palavras, ser seguidor do Mestre da justiça.

Canto de Aclamação ao Evangelho: A comunidade dança alegre e canta / acolhendo agora a palavra santa /, aleluia irmãs (os) jesus vai falar / o santo evangelho vamos aclamar

Leitor(a): Mt 16,21-27

3. Partilha da Palavra de Deus

1. Vimos no texto palavras que ainda são pouco ouvidas e pronunciadas. Podemos destacar algumas?
2. Ser catequista é responder a um chamado para o serviço. É assumir, na Igreja, a missão de formar discípulos, testemunhar a fé e acompanhar pessoas no caminho do encontro com Deus. Como é a catequese na comunidade? Se toda comunidade é catequista por que é tão difícil participar dos grupos de círculos bíblicos?

3. Que relação podemos ver entre evangelho e reflexão sobre a vocação do catequista?
4. Pedro tentou desviar Jesus do seu caminho e de sua missão. Hoje, o que nos afasta da vida em comunidade e do Evangelho? Que respostas nós damos? Que respostas deveríamos dar?

4. Rezar com a Bíblia

Animador(a): Como catequista, discípulos missionários, vamos louvar e bendizer a Deus, dizendo.

1- Bendito seja Deus por tantos catequistas que ouvem o seu chamado,

Todos(a): Bendito seja Deus para sempre!

2- Bendito seja Deus pelas nossas comunidades que acolhem os nossos catequistas, catequizandos e catecúmenos,

3- Bendito seja Deus que chama todos os dias tantas famílias para serem evangelizadoras do seu reino,

(preces espontâneas)

Oração pelas vocações: na contracapa

Pai Nosso

3 ave Marias pelas vocações

Canto: É bom estarmos juntos

Avisos: No dia 29 de agosto, na Prelazia, no horário das 08h00 às 17h00 acontecerá o Encontro diocesano dos Círculos Bíblicos.

Participantes: ao menos uma pessoa por grupo.

Bênção final

Saudação da paz e despedida.

Para aprofundar a Palavra de Deus

Evangelho (Mt 16,21-27): O caminho de Jesus e dos cristãos

O trecho pertence à parte narrativa (13,53-17,27) do quarto livrinho (13,53-18,35). O tema dessa parte narrativa é o do seguimento de Jesus, o Mestre da justiça. Mateus quer mostrar à comunidade o que significa ser cristão. Em outras palavras, ser seguidor do Mestre da justiça.

Para o evangelista, temos aqui novo começo. Se em 4,17 Jesus começava seu ensinamento na Galiléia, aqui começa a mostrar aos discípulos o caminho da cruz (v. 21). Esse caminho é marcado pela necessidade de ir a Jerusalém, sofrer, ser morto e ressuscitar. A necessidade não é resultado do determinismo; pelo contrário, Jesus assume conscientemente os riscos da rejeição, sofrimento e morte por causa da justiça que faz o Reino acontecer na história. Ele se guia pela consequência lógica de sua atividade, assumindo o confronto com as forças da morte (os que mantêm a sociedade na injustiça).

O v. 21 apresenta quatro etapas do caminho da cruz. A primeira é ir a Jerusalém. Jesus se desloca da Galiléia para a Judéia, onde a resistência e oposição irão mostrar toda a sua força. A segunda etapa é a do sofrimento causado pelos anciãos, sumos sacerdotes e doutores da Lei, todos eles membros do Sinédrio, o tribunal supremo (a sede da injustiça). Os anciãos formavam a aristocracia leiga de Jerusalém. Eram grandes latifundiários. Representavam o poder do dinheiro. Formavam a base do partido dos saduceus. Os sumos sacerdotes eram a aristocracia sacerdotal. Eles também pertenciam ao Sinédrio e ao partido dos saduceus. Representavam o poder religioso. Os doutores da Lei formavam a classe intelectual, uma espécie de “poder judiciário”. Eram o terceiro grupo do Sinédrio e, em sua maioria, pertenciam ao partido dos fariseus. Eram os detentores do poder do saber ideológico. São os donos da verdade e “formadores da opinião pública”. É nas mãos desse tribunal supremo que Jesus será morto (terceira etapa) para depois ressuscitar (quarta etapa do caminho da cruz).

Jesus tem consciência do enfrentamento do Sinédrio. E começa a mostrar isso aos discípulos. Pedro, por sua vez, quer propor outras alternativas messiânicas. E por isso começa a repreendê-lo (v. 22) por estar em completo desacordo com as intenções de Jesus. Pedro se sente encorajado porque, pouco antes, havia confessado Jesus como o Messias, o Filho do Deus vivo, e agora crê poder dar sugestões sobre a missão de Jesus.

A reação de Jesus é forte. Ele rejeita Pedro como rejeitou Satanás no episódio das tentações: “Vá para longe, Satanás!” (cf. 4,10). As palavras de

Pedro reproduzem a terceira tentação de Jesus no deserto. Pedro é Satanás e pedra de tropeço “porque não pensa como Deus e sim como os homens” (v. 23). O pensamento de Deus ficou expresso, em Mateus, no batismo de Jesus (3,13-17), onde ele “cumprir toda a justiça”, passando pela rejeição, sofrimento e morte. Pedro descobriu que Jesus é o Messias, porém não aceita as consequências desse messianismo. Quer que Jesus seja feito à imagem e semelhança de seus caprichos. O que vem a seguir mostra que Jesus não é como a gente quer. Ao contrário, quer que nós sejamos como ele é.

Os vv. 24-27 contêm o apelo de Jesus à comunidade dos seus seguidores. O v. 24 mostra as condições para o seguimento. Seguir a Jesus é adesão pessoal (se alguém quiser...) que implica renúncia, aceitação e compromisso. O destino do discípulo não pode ser diferente do de Jesus. Para estar com ele são exigidas duas condições: renunciar a si mesmo e tomar a própria cruz. Renunciar a si mesmo é deixar de lado toda ambição pessoal (compare com as tentações de Jesus em 4,1ss). Em outros termos, temos aqui a repetição da primeira bem-aventurança: ser pobre (cf. 5,3). Carregar a própria cruz é enfrentar, com as mesmas disposições de Jesus, o sofrimento, perseguição e morte por causa da justiça que provoca o surgimento do Reino (não devemos esquecer que a cruz era a pena capital para os subversivos políticos daquele tempo). É a última bem-aventurança, a dos perseguidos por causa da justiça (cf. 5,11). Ser discípulo de Jesus, portanto, é reviver a síntese das bem-aventuranças.

Os vv. 25-27 procuram ampliar o tema do seguimento, convocando à sensatez. As propostas de Jesus não são loucura, e sim as únicas propostas sensatas para o cristão.

O v. 25 põe a ênfase no paralelismo entre as expressões salvar-perder, perder-encontrar. A orientação fundamental do cristão é encontrar vida na doação da vida, à semelhança de Jesus. Mas encontrar vida supõe arriscá-la.

O v. 26 salienta a conveniência do risco. A pergunta formulada nesse versículo enfatiza o contraste entre ganhar o mundo-perder a vida. A vida tem preço incalculável: nada pode pagá-la. Mas em termos de vida cristã, a verdadeira economia é doação; a grande vantagem é a perda; o lucro é entrega total, como Jesus.

Os discípulos tinham uma concepção errada do messianismo de Jesus e do modo de ser discípulo dele. Jesus vai ao encontro da cruz para depois voltar em sua glória. Isso não quer dizer que os cristãos passarão à vida sem percorrer o caminho da cruz, pois Jesus retribuirá a cada um segundo a coerência de sua conduta (v. 27). (José Bortolini, *Roteiros Homiléticos*, Paulus).

ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

Senhor da messe e pastor do rebanho,
faz ressoar em nossos ouvidos o teu forte e suave
convite: "Vem e segue-me"! Derrama sobre nós o teu
Espírito, que Ele nos dê sabedoria para ver o caminho
e generosidade para seguir a tua voz.

Senhor, que a messe não se perca por falta de
operários.

Desperta as nossas comunidades para a missão.
Ensina a nossa vida a ser serviço. Fortalece os que
querem dedicar-se ao Reino, na vida consagrada e
religiosa. Senhor, que o rebanho não pereça por falta
de pastores. Sustenta a fidelidade dos nossos bispos,
padres e ministros.

Dá perseverança aos nossos seminaristas. Desperta o
coração dos nossos jovens para o ministério pastoral
na tua Igreja. Senhor da messe e pastor do rebanho,
chama-nos para o serviço do teu povo.

Maria, Mãe da Igreja, modelo dos servidores do
Evangelho, ajuda-nos a responder "sim".

Amém.

Diocese de Roraima

Avenida Bento Brasil, 613 - Boa Vista - RR